

# O Proletário

Uma publicação mensal de proletários marxistas

Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso faz necessário a cobrança de R\$ 2,00 (dois reais) para o custeio da publicação do jornal

**Edição 104**  
Maio/2015



Capitalismo e barbárie .....	02
Situação política .....	04
Parlamento Brasileiro, Capitalismo e Corrupção .....	18
A educação pública é violentada passo a passo .....	21
Greve dos professores do ensino oficial do Estado de São Paulo .....	23
Polêmica com Radio Pião .....	24
Aprendizagem da relação campo e cidade entre os oprimidos.....	30

# Capitalismo e barbárie



Parece incrível, mas os primeiros estágios de barbárie em que humanidade já conviveu remontam de 3 a 6 mil anos antes de nossa Era e coincide com um período de descobertas e de desenvolvimento das forças produtivas sem precedentes na história humana. A barbárie precedeu a tal da "Civilização", com as descobertas da cerâmica\* e a posterior domesticação dos animais e a agricultura. Por paradoxal que seja, foi a fase em que a humanidade começou a produzir bens, utensílios e alimentos além de suas necessidades. Karl Marx e Friedrich Engels, no livro "*A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*" nos mostram que a sociedade consanguínea das Gens, Fratrias e Tribos do Comunismo Primitivo foram sendo golpeadas pela

barbárie em torno do excedente de produção e da escravidão por dívidas. Neste caldeirão de lutas de classes em formação, germina-se a propriedade privada da terra, a nova forma de família (monogamia) e o Estado. A barbárie primitiva estrangulou e violentou totalmente a sociedade de homens livres ao ponto dos seres reivindicarem e reconhecer como novas autoridades os chefes exploradores que já estabeleciam regras e normas de uma organização de sociedade sob o domínio das classes sociais.

A barbárie se instalou exatamente porque o modo de produção comunista primitivo teve o atropelo das forças produtivas (meios de produção, descoberta da cerâmica, do fogo, da domesticação dos animais e da

\* Fragmentos de cerâmica foram encontrados em uma caverna no sul China. E foi confirmado terem 20.000 anos de idade, tornando-os, como um todo, a mais antiga cerâmica conhecida no mundo, dizem arqueólogos.

Essas descobertas juntam-se aos esforços recentes em que foram datadas pilhas de cerâmicas no leste da Ásia, mostrando idades superiores a 15.000 anos. Essa descoberta refuta as teorias convencionais de que a invenção da cerâmica se correlaciona ao período de cerca de 10.000 anos atrás, quando os seres humanos deixaram a caça para se tornarem agricultores.

agricultura, além da evolução dos objetos domésticos e na armanezagem de alimentos), as formas de trabalho, que evoluíram acima do conhecimento científico do próprio homem instalando a barbárie com as guerras pelo excedente e da escravização da força do trabalho e o próprio ser por seu semelhante. A sociedade do contraditório instala-se (pela violência) o excedente de produção (como mercadoria simples) e ausência de condições de atendimento das necessidades pela ausência da evolução humana capaz de transformar comunismo primitivo em comunismo superior. Não poderia ser o contrário: o desenvolvimento da humanidade assim como nos ensina Engels no livro "Dialética da Natureza" obedece toda uma cientificidade e faz parte do planejar a vida coletiva. O planejamento do trabalho e da distribuição da produção deste na forma da coletividade e da harmonia da primeira com a segunda natureza.

No estágio de sociedade seguinte, o escravagismo, as forças produtivas continuaram desenvolvendo-se até sua estagnação. Por forças do próprio desenvolvimento, os germes de uma nova sociedade entram novamente na ordem do dia e o Feudalismo destrona os Senhores de Escravos, a servidão alavanca a produção, a vida dos Senhores Feudais e da Nobreza com o trabalho servil. Novamente um dilema se instala - o desenvolvimento das forças produtivas (meios de produção, nas manufaturas) golpeia e supera o trabalho braçal simplesmente, o modo de produção feudal já não podia atender as novas necessidades. A Humanidade aumentada se vê faminta de "coisas" (roupas, ferramentas e do ter). A maquinaria desenvolve-se, colocando na berlinda, pela violência da nova classe de proprietários dos meios de produção (os burgueses) dando golpes de misericórdias a Sociedade Feudal outrora revolucionária.

Com o capitalismo em marcha e o trabalho assalariado, a humanidade viu proezas e, como aponta o Manifesto Comunista de 1848 de Marx e Engels, "tudo que era sólido desmancha-se no ar, tudo que era sagrado é profanado". As forças produtivas desenvolvem-se sem cessar, a maquinaria atinge seu ponto máximo na robotização. A sede de lucro dos capitalistas, por um lado, moderniza a maquinaria e, por outro, desemprega e abaixa os salários. A roda da história nos apanhou descalço nesta geração, que sente o pulsar das contradições do alto desenvolvimento tecnológico dos meios de produção (parte das forças produtivas), mas a palperização da classe operária e dos proletários em geral. O Exército de desempregados não para de crescer, incluindo-se um contingente enorme de ambulantes e trabalhadores informais. Hoje, temos ainda o fabuloso crescimento do lumpesinato nas a

cracolândias. Temos a degeneração das forças repressivas do próprio Estado e a própria caminhada de perda de valores da humanidade. A Burguesia, proprietária dos meios de produção modernos, outrora revolucionária, apodrece na corrupção e na sede de lucro a qualquer custo. Às crises econômicas de nossos dias não se vislumbram perspectivas de solução, sem derramamento de sangue e destruição violenta de forças produtivas. Em outras palavras, o desenvolvimento técnico dos meios de produção pede passagem. A propriedade privada dos meios de produção tornou um empecilho, um entrave à vida da humanidade. Pulsam-se os embriões da *nova sociedade*. Embriões, meros embriões, visto que a grande burguesia em decadência e em decomposição como um cadáver está no domínio absoluto do poderio ideológico, das forças de repressão expandida na forma da fastização e da tentativa do controle geral a qualquer custo. A resistência se manifesta na maioria dos casos instintivamente e anarquicamente, seguindo inclusive, a desorganização proletária independente e a influência do poderio ideológico burguês, espelhando-se e se confundindo com a anarquia capitalista. Nestas condições, a resistência assume um caráter provocativo com a possibilidade das forças burguesas intervirem de forma reacionária, com o fascismo ou militarmente. Em suma, a barbárie capitalista que se desenvolve a passos largos entrelaça-se com as forças anárquicas da desconstrução teórica do proletariado mundial. Temos então o encontro da barbárie capitalista em desenvolvimento com o anarquismo, ambos se complementam no aprofundamento da desorganização da sociedade, minando a própria resistência à sociedade capitalista no sentido de por abaixo o modo de produção da propriedade privada burguesa.

**Viva o proletariado Organizado como classe!**

**Viva a luta teórica e prática entre os trabalhadores!**

**Abaixo o capitalismo e sua barbárie!**

**Abaixo a anarquia capitalista que está nos levando a barbárie, abaixo o anarquismo que se entrelaçam com esta!**

**Viva a luta e a organização independente do proletariado mundial!**

# Situação Política

Seria uma ordem transitória ou uma ordem acordada por uma hegemonia coletiva? Perry Anderson.



Com o início capitalista e o trabalho assalariado a humanidade viu proezas espetaculares "tudo que era sólido desmancha no ar, tudo que era sagrado é profanado". As forças produtivas desenvolveram sem cessar, a maquinaria atingiram seu ponto máximo na robotização. A sede de lucro dos capitalistas com a concentração de renda por um lado, a modernização da maquinaria por outro, desemprega e abaixa os salários precarizando a vida da humanidade, fomentando as crises de superprodução e as variações nos baixos e altos ciclos das crises econômicas. Nos chamados ciclos de desenvolvimento ou desenvolvimento precário nunca se alcança os níveis anteriores atingidos, assim, a barbarização da economia, das relações de produção e da humanidade vai gestando, colocando em risco o próprio equilíbrio humanitário, cultural, físico e químico do planeta.

A situação política mundial vive o dilema da dicotomia da austeridade econômica (liberalismo econômico (diminuição do Estado na economia) ou do keynesianismo (referência ao economista inglês John Maynard Keynes 1930 diante da crise de 1929 - o Estado controlando e injetando dinheiro na economia, incrementando o consumismo e o

"desenvolvimentismo" (estado de bem estar social, quando o modo de produção capitalista ainda permitia tal proeza)) na verdade, podemos resumir estas pseudas alternativas como sendo o **jus spemianidi** de uma burguesia decadente como resultado do entrave do regime de propriedade privada dos meios de produção. Os representantes burgueses tentam domar a crise econômica e financeira que hora se apresenta com a problemática inflacionária em alta e hora como deflação combinada com alto endividamento público, ambos fenômenos expõem a problemática da crise de superprodução com a necessidade de aumentos da lucratividade com o capital parasitário e as guerras.

Três blocos bem definidos de países labutam para sobreviverem na economia global, os opressores imperialistas, os oprimidos chamados de "emergentes" com economia semi-colonial e os oprimidos em situação bem próxima do sistema colonial. O bloco dos países que vislumbram crescimento econômico, os que estão apontando algum resultado positivo na economia e precariamente almejam sair da crise momentaneamente e os que entraram em recessão por alta inflação, crescimento negativo e alta dívida pública se mantendo nesta condição já por prolongado tempo, vejamos:

## Os países do bloco imperialista:

Estados Unidos da América do Norte EUA - O PIB 2024 foi para 17,6 trilhões de dólares, com crescimento de 2,7%, já a dívida pública está em 17,86 trilhões de dólares 101,53% do PIB, a limitada taxa de crescimento conseguida em 2014 e anos anteriores foram as custas de muito sangue do proletariado mundial. A taxa de desemprego "oficialmente" abaixou para 5,6% da população ativa (que procuram por empregos). A variação do PIB Americano nos últimos anos bem aponta a precariedade de sua economia e reflete as dificuldades mundiais.



O papel desempenhado pelos Estados Unidos da América do Norte na primeira e segunda guerra mundial, especificamente os acordos da segunda guerra em que, apesar da presença da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e da "guerra fria" a subdivisão geopolítica em que condicionou a Alemanha e o Japão, a submissão armamentista e mesmo das forças armadas destes dois gigantes às forças armadas americanas, a proibição da formação de um exército autônomo nestes países. Os planos econômicos, como o **Plano Marshall, Conferência de Potsdam** (ocorreu em Potsdam, Alemanha (perto de Berlim), entre 17 de julho e 2 de agosto de 1945. Os participantes foram os vitoriosos aliados da Segunda Guerra Mundial, que se juntaram para decidir como administrar a Alemanha, que tinha se rendido incondicionalmente nove semanas antes, no dia 8 de maio, Dia da Vitória na Europa. Os objetivos da conferência incluíram igualmente o estabelecimento da ordem do pós-guerra, assuntos relacionados com tratados de paz e contornar os efeitos da guerra) visando: a reconstrução do pós guerra dos países capitalistas e a santa união destes contra a URSS. Com estes objetivos, tratou a Conferência da consumação de uma estratégia militar, principalmente

ao EUA, com vistas a garantir a hegemonia militar adquirida na Segunda Guerra Mundial, em termos de presença e de liderança tecnológica, de modo a garantir a expansão econômica pacífica, quando possível, o bem estar e a segurança da sociedade "americana" (do norte), aliados aos objetivos de impedir a reestruturação do Japão e da Alemanha como potências militares capazes de impor novamente ameaças militar e econômica como potencia.

As constituições da Alemanha e do Japão, elaboradas e impostas pela ocupação militar "americana", proibiam o uso de forças armadas fora de seu território, assim como o desenvolvimento de armas nucleares. No período da guerra fria foi dada algumas concessões na formação de exército para ajudar na garantia da segurança interna e hoje se discute a possibilidade de abrir para Japão e Alemanha uma maior liberdade no exército, visto os perigos externos e o acirrar da crise econômica mundial, inclusive com as ameaças da Coreia do Norte, "China", os conflitos com a Rússia, Irã e a presença das organizações islâmicas como a **Al-Qaeda**, Estado Islâmico (EI) Boko Haram (O Boko Haram prega uma versão do Islã que proíbe que os muçulmanos tomem parte em qualquer atividade política ou social relacionada com a sociedade ocidental ou seja: "a educação ocidental é proibida").

Hoje, os EUA ainda mantém 47.000 soldados no Japão - discute-se a retirada de pelo menos 9000 soldados por motivos financeiros, deslocando-os para regiões em conflitos e também pela desmoralização de tais forças por atos de selvageria com a população nativa, estupros e etc. Já na Alemanha os Estados Unidos da América do Norte ainda possui cerca de 52 mil soldados estacionados neste território. Com a nova estratégia militar focada na Ásia e no Pacífico, o número deverá ser reduzido. Novas tarefas aguardam os alemães: o governo dos Estados Unidos precisa economizar diante da dívida pública de mais de 17,86 trilhões de dólares 101,53% do PIB, duas guerras de custos exorbitantes a do Iraque e a do Afeganistão fizeram com que o orçamento da Defesa explodisse nos últimos dez anos.

Uma velada disputa também se desenvolve entre a Alemanha, Japão e outros países relacionados aos acordos da segunda guerra na disputa por assento no conselho de segurança da ONU e o poder de veto.

No período da guerra fria as forças contraditórias estavam precariamente reprimidas e controladas, agora, as contradições, as revoltas como resultado de séculos de opressão e massacre se rebelam em todos os cantos do planeta. O mundo Árabe e muçulmano entrelaçam com a discriminação racial, exploração econômica, social religiosa/cultural e de barbárie africana/oriente médio, como em um caldeirão

O papel desempenhado pelos Estados Unidos da América do Norte na primeira e segunda guerra mundial, especificamente os acordos da segunda guerra em que, apesar da presença da União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) e da "guerra fria" a subdivisão geopolítica em que condicionou a Alemanha e o Japão, a submissão armamentista e mesmo das forças armadas destes dois gigantes às forças armadas americanas, a proibição da formação de um exercito autónomo nestes países. Os planos económicos, como o **Plano Marshall, Conferência de Potsdam** (ocorreu em Potsdam, Alemanha (perto de Berlim), entre 17 de julho e 2 de agosto de 1945. Os participantes foram os vitoriosos aliados da Segunda Guerra Mundial, que se juntaram para decidir como administrar a Alemanha, que tinha se rendido incondicionalmente nove semanas antes, no dia 8 de maio, Dia da Vitória na Europa. Os objectivos da conferência incluíram igualmente o estabelecimento da ordem do pós-guerra, assuntos relacionados com tratados de paz e contornar os efeitos da guerra) visando: a reconstrução do pós guerra dos países capitalistas e a santa união destes contra a URSS. Com estes objetivos, tratou a Conferencia da consumação de uma estratégia militar, principalmente ao EUA, com vistas a garantir a hegemonia militar adquirida na Segunda Guerra Mundial, em termos de presença e de liderança tecnológica, de modo a garantir a expansão económica pacífica, quando possível, o bem estar e a segurança da sociedade "americana"(do norte), aliados aos objetivos de impedir a re-estruturação do Japão e da Alemanha como potências militares capazes de impor novamente ameaças militar e económica como potencia.

As constituições da Alemanha e do Japão, elaboradas e impostas pela ocupação militar "americana", proibiam o uso de forças armadas fora de seu território, assim como o desenvolvimento de armas nucleares. No período da guerra fria foi dado algumas concessões na formação de exercito para ajudar na garantia da segurança interna e hoje se discute a

possibilidade de abrir para Japão e Alemanha uma maior liberdade no exercito, visto os perigos externos e o acirrar da crise económica mundial, inclusive com as ameaças da Coreia do Norte, "China", os conflitos com a Rússia, Irã e a presença das organizações islâmicas como a **Al-Qaeda**, Estado Islâmico (EI) Boko Haram (O Boko Haram prega uma versão do Islã que proíbe que os muçulmanos tomem parte em qualquer atividade política ou social relacionada com a sociedade ocidental ou seja: "a educação ocidental é proibida").

Hoje, os EUA ainda mantém 47.000 soldados no Japão - discute-se a retirada de pelo menos 9000 soldados por motivos financeiros, deslocando-os para regiões em conflitos e também pela desmoralização de tais força por atos de selvageria com a população nativa, estupros e etc. Já na Alemanha os Estados Unidos da América do Norte ainda possui cerca de 52 mil soldados estacionados neste território. Com a nova estratégia militar focada na Ásia e no Pacífico, o número deverá ser reduzido. Novas tarefas aguardam os alemães: o governo dos Estados Unidos precisa economizar diante da dívida pública de mais de 17,86 trilhões de dólares 101,53% do PIB, duas guerras de custos exorbitantes a do Iraque e a do Afeganistão fizeram com que o orçamento da Defesa explodisse nos últimos dez anos.

Uma velada disputa também se desenvolve entre a Alemanha, Japão e outros países relacionados aos acordos da segunda guerra na disputa por assento no conselho de segurança da ONU e o poder de veto.

No período da guerra fria as forças contraditórias estavam precariamente reprimidas e controladas, agora, as contradições, as revoltas como resultado de séculos de opressão e massacre se rebelam em todos os cantos do planeta. O mundo Árabe e muçulmano entrelaçam com a discriminação racial, exploração económica, social religiosa/cultural e de barbárie africana/oriente médio, como em um caldeirão fervendo que vasa água/vapor por todos os orifícios, postando-se contra as atrocidades da exploração burguesa ocidental. O acontecimento em 07 de janeiro,

### Inflação em alguns países:

#### Esquema com percentagem inflacionária por país ou região

<u>Número de inflação</u>	<u>país/região</u>	<u>espécie</u>	<u>período</u>	<u>base mensal</u>	<u>base anual</u>
IHPC Alemanha	Alemanha	ihpc	novembro 2014	0,000 %	0,519 %
IHPC Austria	Austria	ihpc	novembro 2014	0,140 %	1,532 %
IHPC Bélgica	Bélgica	ihpc	novembro 2014	-0,158 %	0,067 %
IHPC Chéquia	Chéquia	ihpc	novembro 2014	-0,326 %	0,576 %

<b>Número de inflação</b>	<b>país/região</b>	<b>espécie</b>	<b>período</b>	<b>base mensal</b>	<b>base anual</b>
IHPC Dinamarca	Dinamarca	ihpc	novembro 2014	-0,255 %	0,171 %
IHPC Eslováquia	Eslováquia	ihpc	novembro 2014	-0,171 %	-0,016 %
IHPC Eslovénia	Eslovénia	ihpc	novembro 2014	-0,120 %	0,072 %
IHPC Espanha	Espanha	ihpc	novembro 2014	-0,231 %	-0,460 %
IHPC Estónia	Estónia	ihpc	novembro 2014	-0,907 %	0,014 %
IHPC Eurozona	Europa	ihpc	outubro 2014	-0,059 %	0,382 %
IHPC Finlândia	Finlândia	ihpc	novembro 2014	-0,147 %	1,076 %
IHPC França	França	ihpc	novembro 2014	-0,164 %	0,400 %
IHPC Grã-Bretanha	Grã-Bretanha	ihpc	novembro 2014	-0,233 %	0,945 %
IHPC Grécia	Grécia	ihpc	novembro 2014	-0,711 %	-1,215 %
IHPC Holanda	Holanda	ihpc	novembro 2014	-0,736 %	0,251 %
IHPC Hungria	Hungria	ihpc	novembro 2014	-0,387 %	0,083 %
IHPC Irlanda	Irlanda	ihpc	novembro 2014	-0,274 %	0,183 %
IHPC Islândia	Islândia	ihpc	novembro 2014	-1,128 %	-0,578 %
IHPC Itália	Itália	ihpc	novembro 2014	-0,249 %	0,251 %
IHPC Luxemburgo	Luxemburgo	ihpc	novembro 2014	-0,371 %	0,154 %
IHPC Polónia	Polónia	ihpc	novembro 2014	-0,160 %	-0,319 %
IHPC Portugal	Portugal	ihpc	novembro 2014	-0,360 %	0,077 %
IHPC Suécia	Suécia	ihpc	novembro 2014	-0,079 %	0,325 %
IHPC Turquia	Turquia	ihpc	novembro 2014	0,076 %	9,181 %
IPC África do Sul	África do Sul	ipc	novembro 2014	0,000 %	5,810 %
IPC Alemanha	Alemanha	ipc	novembro 2014	0,000 %	0,566 %
IPC Austria	Austria	ipc	novembro 2014	0,182 %	1,659 %
IPC Bélgica	Bélgica	ipc	dezembro 2014	-0,110 %	-0,379 %
IPC Brasil	Brasil	ipc	novembro 2014	0,510 %	6,555 %
IPC Canadá	Canadá	ipc	novembro 2014	-0,397 %	1,951 %
IPC Chéquia	Chéquia	ipc	novembro 2014	-0,243 %	0,572 %
IPC Chile	Chile	ipc	dezembro 2014	-0,413 %	4,640 %
IPC China	China	ipc	novembro 2014	-0,200 %	1,603 %
IPC Coreia do Sul	Coreia do Sul	ipc	dezembro 2014	-0,009 %	0,834 %
IPC Dinamarca	Dinamarca	ipc	novembro 2014	-0,229 %	0,462 %
IPC Eslováquia	Eslováquia	ipc	novembro 2014	-0,122 %	0,000 %
IPC Eslovénia	Eslovénia	ipc	novembro 2014	-0,227 %	-0,252 %
IPC Espanha	Espanha	ipc	novembro 2014	-0,070 %	-0,372 %
IPC Estados Unidos	Estados Unidos	ipc	novembro 2014	-0,540 %	1,322 %
IPC Estónia	Estónia	ipc	dezembro 2014	0,000 %	-0,512 %
IPC Finlândia	Finlândia	ipc	novembro 2014	-0,192 %	0,971 %
IPC França	França	ipc	novembro 2014	-0,172 %	0,322 %
IPC Grã-Bretanha	Grã-Bretanha	ipc	novembro 2014	-0,233 %	0,945 %
IPC Grécia	Grécia	ipc	novembro 2014	-0,932 %	-1,245 %
IPC Holanda	Holanda	ipc	dezembro 2014	-0,431 %	0,700 %
IPC Hungria	Hungria	ipc	novembro 2014	-0,371 %	-0,739 %
IPC Índia	Índia	ipc	novembro 2014	0,000 %	4,115 %

<u>Número de inflação</u>	<u>país/região</u>	<u>espécie</u>	<u>período</u>	<u>base mensal</u>	<u>base anual</u>
IPC Irlanda	Irlanda	ipc	novembro 2014	-0,295 %	0,099 %
IPC Islândia	Islândia	ipc	novembro 2014	-0,506 %	1,037 %
IPC Israel	Israel	ipc	novembro 2014	-0,196 %	-0,098 %
IPC Itália	Itália	ipc	dezembro 2014	0,000 %	0,000 %
IPC Japão	Japão	ipc	novembro 2014	-0,386 %	2,381 %
IPC Luxemburgo	Luxemburgo	ipc	dezembro 2014	-0,611 %	-0,611 %
IPC México	México	ipc	dezembro 2014	0,490 %	4,081 %
IPC Noruega	Noruega	ipc	dezembro 2014	0,000 %	2,073 %
IPC Polónia	Polónia	ipc	novembro 2014	-0,162 %	-0,484 %
IPC Portugal	Portugal	ipc	novembro 2014	-0,207 %	0,019 %
IPC Rússia	Rússia	ipc	novembro 2014	1,276 %	9,073 %
IPC Suécia	Suécia	ipc	novembro 2014	-0,147 %	-0,204 %
IPC Suíça	Suíça	ipc	dezembro 2014	-0,496 %	-0,328 %
IPC Turquia	Turquia	ipc	dezembro 2014	-0,442 %	8,170 %

De acordo com o Banco de Compensações Internacionais (BIS), a dívida das agências governamentais e empresas privadas em todo o mundo já superou os US\$ 100 trilhões.

Para efeito de comparação, em 2013 o PIB do mundo foi de 87,18 trilhões de dólares.

Entre meados de 2007 e de 2013, a dívida dos governos e das entidades privadas registrou um aumento de US\$ 30 trilhões. Principais emissores de títulos foram as agências do Estado. Em particular, o valor de títulos dos EUA cresceu no mercado de 4,5 trilhões a 12 trilhões de dólares.

### Os países do bloco oprimido ("emergentes")

- China: PIB, 2014 - USD 9,240 Trilhões contra USD 9,240 Trilhões, taxa de crescimento 2013 7,7% atingindo 7,4 em 2014 apontando uma desaceleração econômica, taxa de **desemprego - 4,1%, taxa de inflação - 1,5%**

RÚSSIA: PIB, 2014 - US\$ 2,096 Trilhões de USD contra - US\$ 2,53 trilhões (2013), taxa de desemprego: 5,2%, taxa de inflação 11,4%

- África do Sul: US\$ 354 bilhões (2014) contra US\$ 350 em 2013, taxa de desemprego 25,4%, taxa de inflação 5,80%.
- Rússia: PIB, 2014 US\$ 2,092 Trilhões contra US\$ 2,118 em 2013, taxa de desemprego 5,2%, taxa de inflação 11,4%.
- Brasil: PIB2014 US\$ 2,215 contra US\$ 2,242 EM 2013, Taxa de desemprego 6,8%, taxa de

inflação 6,41%;

- Índia: PIB, 2014 US\$ 1,995 contra US\$ 1,870 em 2013, taxa de desemprego 5,2%, taxa de inflação 4,11%.

### Deflação e desigualdades

A organização Oxfam International afirma que: ao lado do espectro da deflação nas economias maduras, o tema da desigualdade de renda e de oportunidades deverá dominar os debates no encontro anual da elite empresarial e financeira, com a presença de autoridades governamentais. São, de certo modo, segundo a Oxfam Internacional faces de uma mesma moeda.

Uma outra informação do relatório da Oxfam mostra que 80 bilionários detêm hoje riqueza equivalente à de 3,5 bilhões de pessoas, metade da população mundial. Esse quadro evidencia não só uma situação de injustiça social moralmente insustentável, mas também uma perspectiva econômica catastrófica para o mundo.

Desde a crise de 2008, a concentração econômica e financeira tem aumentado e tende a continuar na mesma e indesejável direção. Vez que, as tais políticas de distribuição de renda não fogem da distribuição de algumas migalhas que caem das mesas dos países imperialistas e do assistencialismo precário nos países oprimidos. Se, em 2009, a parcela de riqueza de 1% dos mais ricos equivalia a 44% do PIB planetário, no ano passado chegou a 48% e em 2016 ultrapassará



50% de tudo o que terá sido produzido no ano. A partir de 2015, os recursos acumulados pelo 1% mais rico do planeta ultrapassarão a riqueza do resto da população.

A tendência ao baixo crescimento, indicada pela persistência dos índices quase nulos de inflação, começou a ser vista também como uma consequência da concentração de renda.

As contradições presentes na situação política mundial também são agravadas pelo intervencionismo americano e europeu tanto no Oriente Médio como na África - em todos os países que realizaram cirurgias violentas como na Líbia, Iraque, Afeganistão, por exemplo, a miséria, a violência e o descontrole disparou.

Algumas possibilidades que o desenrolar da crise vem mostrando: os conflitos interburgueses, de nacionalidades e os conflitos culturais tendo como fundo o aprofundar da crise econômica poderá nos levar a uma maior corrida armamentista e a qualquer momento estará colocado o desenvolvimento de conflitos que poderá atingir escalas globais e desastrosas. Podemos falar da problemática que envolve a Ucrânia, Rússia e a Europa/EUA, das aspirações armamentistas do Irã que envolve mais diretamente grande parte do mundo árabe e muçulmano. As provocações e conflitos entre Coreia do Norte/Japão/EUA, a guerra permanente entre EUA/Israel e a Palestina e todo conflito envolvendo o Oriente Médio. Considerando que a crise é estrutural e sem soluções definitivas, considerando que o alto desenvolvimento econômico da China colocou um fôlego na sede de lucro das grandes corporações internacionais - a entrada no rol de conflitos de qualquer outro país ou regiões ou mesmo blocos culturais fará parte da dinâmica em curso. Juntamente com a possibilidade do agravamento dos conflitos interburgueses na forma, podemos assim dizer clássicos, comparece os germes do diagnosticado por Leon Trotsky: O sistema dos decretos burocráticos é

instável, incerto, pouco viável. O capital necessita de outra política mais decisiva. O período das meias medidas ficou para trás. No seu intento de procurar outra saída, a burguesia deve desembaraçar-se completamente da pressão das organizações operárias, dispersá-las, esparramá-las, quando não destruí-las. Aqui começa a função histórica do fascismo. Subleva as classes que estão imediatamente acima do proletariado e que teme com desespero serem condenadas a engrossar as fileiras da classe operária. As organiza e as utiliza com os meios do capital financeiro, sob a asa do Estado oficial, e as orienta para a destruição das organizações proletárias desde as mais revolucionárias até as mais moderadas. A essência e a função do fascismo é abolir completamente as organizações operárias e impedir seu restabelecimento. O único método, para eles, é o de se opor ao ataque do proletariado, quando este se debilita, o ataque das massas pequeno-burguesas enfurecidas. É este exatamente o sistema peculiar de reação capitalista que entrou na história com o nome de fascismo.

No Brasil e no mundo gesta-se tendências de organizações políticas, partidos ultra-direitistas de cunho fascistas. As posições sociais democráticas e burocrática do movimento operário atual, as revoltas/movimentos instintivos desorganização e desorientação com tendências anárquicas não impede, diante do avolumar da crise econômica e financeira o desenvolver dos agrupamentos que reivindicam as voltas das ditaduras militares, e de posições fascistas. Por exemplo, diante dos escândalos de corrupção envolvendo o governo brasileiro, a crise econômica e os tarifas deu lugar no cenário político, quase que inacreditável a 3 anos atrás de movimentação com apoio popular (mesmo que de setores das classes médias) nas ruas e no processo eleitoral, com a eleição de candidatos claramente com características fascistas.



## Países oprimidos em situação bem próxima do sistema colonial

### Continente Africano

A África é considerada o berço da humanidade e há indicações de que o gênero *homo* tenha surgido neste Continente há mais de 2 milhões de anos. O continente africano possui uma das maiores diversidades culturais do Planeta. Na chamada **África Branca**, ao norte, predominam os povos caucasóides e semitas e na chamada **África Negra**, ao sul do **Deserto do Saara**, encontram-se os povos pigmeus, bosquimanos, hotentotes, sudaneses e os bantos. Esta diversidade, por sua vez, reflete-se nas mais de mil línguas diferentes que existem no continente africano, sem contar os inúmeros dialetos. Em algumas regiões, inclusive, fala-se o português com algumas influências locais, como em Moçambique e Angola.

O terceiro maior continente da Terra, situado entre os Trópicos de Câncer e de Capricórnio, possui baixa densidade demográfica, como consequência das características de seu território. Com uma extensão de cerca de 30 milhões de km<sup>2</sup> e mais de 800 milhões de habitantes em 54 países, a África é freqüentemente dividida em cinco regiões de acordo com características geográficas e demográficas: a África Oriental, África Ocidental, África Setentrional, África Central e África Meridional.

O Continente africano aponta para a verdadeira realidade de desigualdade, violência, opressão, barbárie e discriminação racial representada pelo capitalismo e, essencialmente, pela "civilização" ocidental.

No período da expansão marítima européia, no século XV, os portugueses tentavam contornar a costa africana para chegar às Índias em busca de especiarias. Nesta busca, muitas áreas da costa africana foram conquistadas e o comércio europeu foi estendido para essas áreas.

A África era e é composta por muitas tribos primitivas. Predominavam nestas tribos do século XV o escravagismo, a escravidão por dívidas e como resultado das guerras tribais. O desenvolvimento africano se deu tardiamente, não conhecendo este continente os aspectos da sociedade feudal. Do comunismo primitivo saltou para o escravagismo tribal (barbárie primitiva) e assim permanecendo, razão pela qual possibilitou o fenômeno da escravidão tardia, como por exemplo, no Brasil colonial. Hoje, podemos dizer que o continente africano combina o "desenvolvimento" desigual e combinado nas formas tribais e do capitalismo colonial orquestrado em sua fase imperialista, sob a batuta das grandes transnacionais,

com as particularidades da presença do Darwinismo Social, outrora de repulsa e, a partir do século XV, com a exploração de força de trabalho, do comércio de escravos, no final do século XVIII, com a partilha colonialista acentuada pelos saques das riquezas naturais (matérias primas para o mundo civilizado).

No período de Colonização da América, ocorria o tráfico negreiro, em que eram sequestrados humanos da África para trabalhar como escravos nas colônias como mão-de-obra, principalmente nas plantações de cana-de-açúcar. Os escravos eram conseguidos pelos europeus por negociações com os vencedores das guerras entre tribos, trocando os escravos por mercadorias de pouco valor na Europa, como tabaco e aguardente, e levados para América como peças (mercadorias valiosas).

Pode-se dizer que a colonização da África teve início com os descobrimentos e com a ocupação das Ilhas Canárias pelos portugueses, no princípio do século XIV.

O processo de ocupação territorial, exploração econômica e domínio político do continente africano por potências europeias iniciou-se no século XV e estende-se até a metade do século XX. Ligada à expansão marítima europeia, a primeira fase do colonialismo africano surge da necessidade de encontrar rotas alternativas para o Oriente e novos mercados produtores e consumidores.

No princípio do século XIX, com a expansão do capitalismo industrial, começa o neocolonialismo no continente africano. As potências europeias desenvolveram uma "corrida massiva à África" e ocuparam a maior parte do continente, criando muitas colônias. Entre outras características, é marcado pelo aparecimento de novas potências concorrentes, como a Alemanha, a Bélgica e a Itália.

A partir de 1880, a competição entre as metrópoles pelo domínio dos territórios africanos intensifica-se. A partilha da África tem início, de fato, com a Conferência de Berlim (1884), que institui normas para a ocupação, onde as potências coloniais negociaram a divisão da África, propuseram para não invadirem áreas ocupadas por outras potências. Os únicos países africanos que não foram colônias foram a Etiópia (que apenas foi brevemente invadida pela Itália, durante a Segunda Guerra Mundial) e a Libéria, que tinha sido recentemente formada por escravos libertos dos Estados Unidos da América. No início da Primeira Guerra Mundial, 90% das terras já estavam sob domínio da Europa.

A partilha é feita de maneira arbitrária, não respeitando as características étnicas e culturais de cada povo, o que contribui para muitos dos conflitos atuais no continente africano, tribos aliadas foram separadas e tribos inimigas foram unidas. Vejam-se os detalhes no mapa a seguir.

## Partilha do Continente



A África é o terceiro continente do globo em extensão territorial, com uma área de 30 272 922 quilômetros quadrados. É o continente que apresenta os países com os mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano ( I D H ) .

São vários os problemas sociais e econômicos na África. Tem quase metade da população vivendo abaixo da linha da pobreza (com renda inferior a 1 dólar por dia) e está sendo devastada por epidemias de AIDS e ebola. Em países como Botsuana, Lesoto, Suazilândia e Zimbábue, 1 em cada 3 adultos é portador do vírus HIV. Nos anos recentes, o ebola já dizimou milhares.

A desnutrição atinge mais de 70% da população da Somália. Eritreia, Burundi e Moçambique possuem 60% da população subnutrida. Em países como Serra Leoa, Guiné-Bissau e Angola, as taxas de mortalidade infantil são de 120 por mil nascidos, equivalente a 12% de taxa de mortalidade infantil.

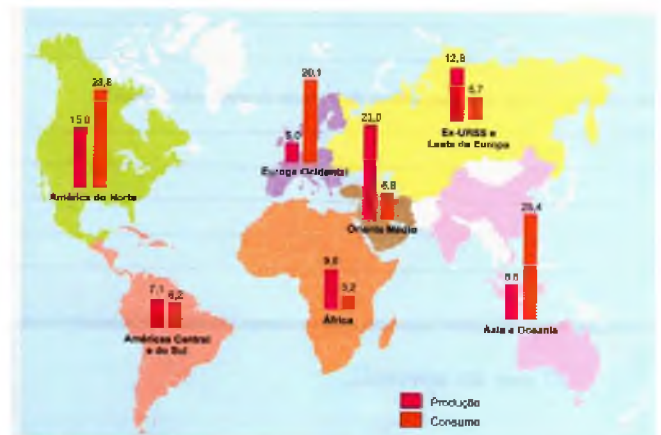
**A África tem mais de metade das reservas mundiais de ouro. Mas, como acontece com o petróleo, os diamantes ou o coltan, a parte do lucro vai para os países sedes das empresas transnacionais. (O coltan é um minério de alto valor, utilizado na fabricação de eletrônicos, vide nota abaixo)**

Três companhias disputam entre si o «bolo» do ouro: AngloGold (África do Sul), Barrick Gold (Canadá) e Newmont Mining (Estados Unidos). Só elas produzem, em cada ano, mais de 500 toneladas de todo o ouro extraído no planeta. Na década de 1990, estas companhias globalizaram-se, escapando aos rígidos regulamentos ambientais do Norte.

Em Outubro de 2002, a própria ONU publicou um relatório sobre a exploração ilegal de recursos mineiros na República Democrática do Congo (RDC),

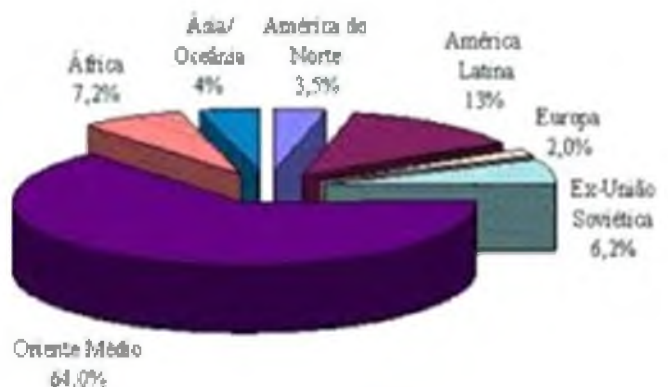
onde se acusavam 39 companhias de estar implicadas na exploração ilegal de diamantes, ouro e o tão cobiçado coltan<sup>1</sup> . Entre as companhias auríferas figuravam a American Mineral Gold, Barrick Gold, First Quantum, Harambee Mining, International Panorama Resources, Kinross Gold, Melkor Resources, Temke, Banro. As ordens do local são ditadas por essas empresas na forma dos guardas brancos (para militares).

Além de possuir um terço do urânio mundial, metade do ouro, dois terços dos diamantes e 10% das reservas estimadas de petróleo, a África tem uma localização privilegiada com acesso aos oceanos Atlântico e Índico.



Principais regiões de produção e consumo de petróleo no mundo (em milhões de barris por dia), 2008. Fonte: Elaborado por Raul Borges Guimarães, com base nos dados da Energy Information Administration. <http://www.eia.doe.gov/total/total/pubs/>. Acesso em 9 abr. 2009.

As principais regiões de produção de petróleo no mundo (em milhões de barris por dia), 2008.



<sup>1</sup> A guerra do Coltan - O Coltan é um mineral composto de Nióbio e Tântalo. Tem uso estratégico em computadores, celulares, indústria aeroespacial, armas inteligentes e implantes. O primeiro produtor mundial é Austrália, também existe no Brasil, Canadá e China, porém 80% das reservas mundiais se encontram na parte oriental da província de Kivu, na República Democrática do Congo (RDC), muito perto da fronteira com Ruanda, e da área dos gorilas da montanha.

A área está ocupada por milicianos ruandeses, e o tráfico do coltan, que Ruanda não produz, rende cada 18 meses ao Exército Ruandês 250 milhões de dólares. Os exércitos de Burundi e Uganda, também fronteiriços participam do comércio ilegal do coltan. O Parque Nacional de Kahuzi Biega, na RDC, está no centro da exploração de coltan.

A África possui grandes reservas minerais, fato proporcionado em razão de sua formação geológica, que é da idade pré-cambriana, predominante das eras Arqueozoica e Proterozoica. Portanto, essa região é formada por terrenos muito antigos, apresentando condições favoráveis para a formação de minérios.

Atualmente, esse continente abriga cerca de 8% das reservas mundiais de petróleo e gás natural, com destaque para o Congo, Egito e principalmente Angola, Argélia, Líbia e Nigéria, que integram a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

Outro importante mineral encontrado no subsolo africano é o urânio o continente detém 25% das reservas mundiais. Esse material é de fundamental importância para a produção de energia nuclear. Os maiores produtores são a África do Sul e o Gabão. Esse primeiro país também possui grandes reservas de antimônio, diamante, ouro (maior produtor mundial), manganês, platina, cromo, entre outros.

Entre as principais nações africanas que abrigam reservas minerais estão: Marrocos (fosfato), Zâmbia (cobre), Zimbábue (ouro), Guiné (bauxita), Namíbia (urânio), Uganda (cobre e cobalto), Sudão (ouro, prata, zinco, ferro, etc.), Botsuana, Congo, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, e Gana (diamante).

Com tantas riquezas minerais, por que o continente africano é tão pobre economicamente?

A resposta está no saque e exploração dos recursos, pelo imperialismo através das empresas transnacionais das nações opressoras (Estados Unidos, Canadá e as nações europeias).



O continente africano é um grande produtor e exportador de produtos oriundos da produção agrícola, no entanto não consegue alimentar sua própria população. A África apresenta um elevadíssimo número de subnutridos, isso lhe dá a condição de pior do mundo nesse aspecto. O continente se caracteriza pela presença da fome, realidade que aumenta a cada dia. Os países que mais sofrem com a fome são: Etiópia, Somália, Sudão, Moçambique, Malavi, Libéria e Angola.

As estimativas são pessimistas, segundo um relatório do Instituto Internacional de Pesquisa em Política de Alimentação, o número de crianças subnutridas subirá cerca de 18%, estimativa para o ano de 2020.

De acordo com o diretor-executivo do Programa Mundial de Alimentos da ONU, James Morris, a escassez de alimento na África provoca a instabilidade política, desse modo, a fome é, ao mesmo tempo, causa e consequência da pobreza. Além disso, é causa e consequência dos conflitos. No mesmo estudo foi divulgada outra estimativa, que afirma que nos próximos 20 anos o continente africano terá uma diminuição na produção de alimentos em cerca de 20%, fato desencadeado pelos conflitos internos.

Segundo estudo realizado pela própria ONU (Organização das Nações Unidas), cerca de 150 milhões de pessoas africanas não tem acesso à quantidade mínima de calorias diárias. E o pior, outros 23 milhões podem literalmente morrer de fome ou por causas provenientes da mesma, como insuficiência de determinados nutrientes no organismo: falta de potássio, proteína, cálcio, entre outros.

As taxas de crescimento natural na África são as mais elevadas do mundo. Para se ter uma idéia, a população africana em 1950 era constituída por 221 milhões de pessoas, atualmente, são mais de 930 milhões.

As regiões que apresentam maiores densidades demográficas são aquelas que possuem solos férteis, como o vale fluvial e o delta dos rios Nilo e Níger, além da costa litorânea, lugar com boa incidência de chuvas.

As regiões da África que apresentam baixa densidade demográfica compreendem as áreas desérticas, como o deserto do Saara (África Islâmica), deserto da Namíbia e do Calaari e nas florestas do Congo (África Subsaariana).

Atualmente, o continente tem passado por um intenso processo de urbanização, mesmo assim, são restritos os centros urbanos de grande porte, as maiores cidades são Cairo (Egito), com cerca de 7 milhões de habitantes; Alexandria (Egito), com 4 milhões; Lagos (Nigéria), com 7 milhões; Casablanca (Marrocos), com

3,7 milhões; Kinshasa (República Democrática do Congo), com 9 milhões; Argel (Argélia), com 2,5 milhões; e Cidade do Cabo (África do Sul), com 3,4 milhões.



Imagem real de degradação humana.

Os países africanos possuem as piores taxas de mortalidade (13,5%), além de apresentar elevada taxa de natalidade (35,2%) e o maior crescimento vegetativo do mundo (2,17%), mostrando que a qualidade de vida da população é decadente. A fome, a AIDS e o Ebola são problemas que atingem a África quase que na totalidade.

**As menores expectativas de vida do mundo ocorrem na África, onde a epidemia de AIDS, Ebola, a desnutrição, as doenças curáveis nos países desenvolvidos e mesmo nos tais "emergentes", tem ceifado grande parte dos recém nascidos. Dos 29 países com menor expectativa de vida no nascimento, 28 estão na África. A disparidade fora do continente africano fica por conta do arrasado Afeganistão, que o imperialismo tem bombardeado constantemente, impondo uma expectativa de vida de 42 anos. No Iraque, um dos países que sofre as maiores violências do Ocidente, expectativa de vida para os bebês nascidos em 2004 era 55 anos. No Japão a expectativa de vida é 82 anos, Reino Unido 81,50 anos, Canadá 81,24 anos e Estados Unidos 78,74 anos (2012).**

**Países com as menores expectativas de vida:**

Suazilândia: 42,4 anos. Lesoto: 43,9 anos. Zimbábue: 44,2 anos. Afeganistão: 44,2 anos. Zâmbia: 44,7 anos. Moçambique: 45,6 anos. Serra Leoa: 46,7 anos. Angola: 47 anos. República Centro-Africana: 47,4 anos. República Democrática do Congo: 48,6 anos.

Ranking IDH Global 2013

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2014

Ranking		IDH 2013
IDH Global País		
Muito Alto Desenvolvimento Humano		
1	Noruega	0,944
2	Austrália	0,933
3	Suíça	0,917
4	Países Baixos	0,915
5	Estados Unidos	0,914
6	Alemanha	0,911
7	Nova Zelândia	0,910
8	Canadá	0,902
9	Singapura	0,901
10	Dinamarca	0,900
11	Irlanda	0,899
12	Suécia	0,898
13	Islândia	0,895
14	Reino Unido	0,892
15	Hong Kong, China	0,891
15	Coreia, República da	0,891
17	Japão	0,890
18	Liechtenstein	0,889
19	Israel	0,888
20	França	0,884
21	Áustria	0,881
21	Bélgica	0,881
21	Luxemburgo	0,881
24	Finlândia	0,879
25	Eslovénia	0,874
26	Itália	0,872
27	Espanha	0,869
28	República Tcheca	0,861
29	Grécia	0,853

30	Brunei Darussalam	0,852
31	Qatar	0,851
32	Chipre	0,845
33	Estónia	0,840
34	Arábia Saudita	0,836
35	Lituânia	0,834
35	Polónia	0,834
37	Andorra	0,830
37	Eslováquia	0,830
39	Malta	0,829
40	Emirados Árabes Unidos	0,827
41	Chile	0,822
41	Portugal	0,822
43	Hungria	0,818
44	Bahrein	0,815
44	Cuba	0,815
46	Kuwait	0,814
47	Croácia	0,812
48	Letónia	0,810
49	Argentina	0,808
Alto Desenvolvimento Humano		
50	Uruguai	0,790
51	Bahamas	0,789
51	Montenegro	0,789
53	Belarus	0,786
54	Romênia	0,785
55	Líbia	0,784
56	Omã	0,783
57	Federação Russa	0,778
58	Bulgária	0,777
59	Barbados	0,776
60	Palau	0,775

61	Antígua e Barbuda	0,774
62	Malásia	0,773
63	Maurício	0,771
64	Trinidade e Tobago	0,766
65	Líbano	0,765
65	Panamá	0,765
67	Venezuela, República Bolivariana da	0,764
68	Costa Rica	0,763
69	Turquia	0,759
70	Cazaquistão	0,757
71	México	0,756
71	Seicheles	0,756
73	São Cristóvão e Nevis	0,750
73	Sri Lanka	0,750
75	Irã, República Islâmica do	0,749
76	Azerbaijão	0,747
77	Jordânia	0,745
77	Sérvia	0,745
79	Brasil	0,744
79	Geórgia	0,744
79	Granada	0,744
82	Peru	0,737
83	Ucrânia	0,734
84	Belize	0,732
84	Antiga República Iugoslava da Macedónia	0,732
86	Bósnia-Herzegovina	0,731
87	Armênia	0,730
88	Fiji, Ilhas	0,724
89	Tailândia	0,722
90	Tunísia	0,721
91	China, República Popular da	0,719
91	São Vicente e Granadinas	0,719

93	Argélia	0,717
93	Dominica	0,717
95	Albânia	0,716
96	Jamaica	0,715
97	Santa Lúcia	0,714
98	Colômbia	0,711
98	Equador	0,711
100	Suriname	0,705
100	Tonga	0,705
102	República Dominicana	0,700
Médio Desenvolvimento Humano		
103	Maldivas	0,698
103	Mongólia	0,698
103	Turcomenistão	0,698
106	Samoa	0,694
107	Palestina, Estado da	0,686
108	Indonésia	0,684
109	Botswana	0,683
110	Egito	0,682
111	Paraguai	0,676
112	Gabão	0,674
113	Bolívia, Estado Plurinacional da	0,667
114	Moldávia, República da	0,663
115	El Salvador	0,662
116	Uzbequistão	0,661
117	Filipinas	0,660
118	África do Sul	0,658
118	Síria, República Árabe da	0,658
120	Iraque	0,642
121	Guiana	0,638
121	Vietnã	0,638
123	Cabo Verde	0,636

124	Micronésia, Estados Federados da	0,630
125	Guatemala	0,628
125	Quirquistão	0,628
127	Namíbia	0,624
128	Timor-Leste	0,620
129	Honduras	0,617
129	Marrocos	0,617
131	Vanuatu	0,616
132	Nicarágua	0,614
133	Quiribati	0,607
133	Tajiquistão	0,607
135	Índia	0,586
136	Butão	0,584
136	Camboja	0,584
138	Gana	0,573
139	Laos, República Democrática Popular do	0,569
140	Congo	0,564
141	Zâmbia	0,561
142	Bangladesh	0,558
142	São Tomé e Príncipe	0,558
144	Guiné Equatorial	0,556
Baixo Desenvolvimento Humano		
145	Nepal	0,540
146	Paquistão	0,537
147	Quênia	0,535
148	Suazilândia	0,530
149	Angola	0,526
150	Mianmar	0,524
151	Ruanda	0,506
152	Camarões	0,504
152	Nigéria	0,504
154	Iêmen	0,500

155	Madagascar	0,498
156	Zimbabué	0,492
157	Papua-Nova Guiné	0,491
157	Ilhas Salomão	0,491
159	Comores	0,488
159	Tanzânia, República Unida da	0,488
161	Mauritânia	0,487
162	Lesoto	0,486
163	Senegal	0,485
164	Uganda	0,484
165	Benim	0,476
166	Sudão	0,473
166	Togo	0,473
168	Haiti	0,471
169	Afeganistão	0,468
170	Djibouti	0,467
171	Costa do Marfim	0,452
172	Gâmbia	0,441
173	Etiópia	0,435
174	Malauí	0,414
175	Libéria	0,412
176	Mali	0,407
177	Guiné-Bissau	0,396
178	Moçambique	0,393
179	Guiné	0,392
180	Burundi	0,389
181	Burkina Faso	0,388
182	Eritreia	0,381
183	Serra Leoa	0,374
184	Chade	0,372
185	Centro-Africana, República	0,341
186	Congo, República Democrática do	0,338

As organizações operárias, estudantis e populares do mundo não podem mais permitir, sem luta, a barbárie por que passam os povos africanos e orientais.

Segundo a própria ONU, em **2014 o número de refugiados e deslocados no mundo foi o maior desde a Segunda Guerra**, todos os dias os jornais estampam notícias de migrantes africanos que morrem em embarcações improvisadas por mercadores que se aproveitam da fome e miséria de um povo que busca uma vida melhor na Europa. Desesperados, os migrantes oriundos na maioria da Eritreia, do Sudão e da Somália, embarcam perto de Zuwarah, na Líbia, rumo à Sicília, em Itália, pagam de 1.500 a 2.000 dólares (1.400 a 1.850 euros).

Mais de 900 migrantes morreram de janeiro a 21/4/2015 em sua luta pela sobrevivência entre a Líbia e Itália. Se considerarmos o ano de 2013, e 2014 até a presente data, já temos mais de 5000 mortos (noticiadas) nestas embarcações. A grande burguesia europeia, com exército de reserva em abundância, responsáveis diretos pela situação de miséria do povo africano, não dá a mínima atenção para a problemática, pelo contrário, refletem o pronunciamento dos chefes partidários italianos: Matteo Salvini, líder da liga Norte, defendeu um "bloqueio naval contra os barcos que saiam da Líbia". Já Daniela Santanche, representante do Forza Itália, defendeu que "todos os barcos sejam afundados pela Marinha italiana".

A miséria do povo africano responde a questões da opressão imperialista, da colonização original, da independência sem independência, do saque das riquezas naturais e essencialmente do Darwinismo Social, da discriminação racial em sua forma extrema da grande burguesia ocidental (imperialismo capitalista).

A opressão imperialista do ocidente possui duas frentes de discriminação racial e cultural: a África negra e os brancos mulçumanos. A raça negra discriminada é tratada como raça inferior (humanos inferior) e a necessidade de combater aos mulçumanos, uma vez que encontraram na cultura religiosa e nos ensinamentos de Maomé um instrumento de unificação contra a opressão ocidental. Na análise do materialismo histórico e dialético - o ideário da classe dominante acaba por contaminar toda a sociedade, razão pela qual as discriminações de cor, ascensão social etc. fazem parte do cotidiano dos povos do planeta.

Nós da Organização pelo POM, conclamamos a todos as organizações e a todos os lutadores oprimidos do mundo a se unificarem em uma frente de luta em defesa do Continente Africano, seus povos oprimidos, bem como dos povos oprimidos do oriente.

- Abaixo o Darwinismo social no Continente Africano!
- Abaixo as discriminações culturais e religiosas dos povos do oriente!



- Expropriação das empresas transnacionais do petróleo e dos recursos naturais que saqueio a África e o Oriente Médio;
- Viva aos dialetos e cultura dos povos africanos!
- Viva a cultura africana que contribuiu e contribui para com a cultura global!
- Viva a luta e a resistência dos Movimentos contra as discriminação raciais!
- Viva a luta pela expropriação dos meios de produção burgueses!
- Viva o planejamento e a planificação da produção mundial e a repartição do produto do trabalho coletivo a todos os trabalhadores e seus familiares do mundo!
- Viva a luta pela unificação dos povos!
- Viva o socialismo científico, a luta e a organização independente do proletariado do mundo todo!
- **Proletários de todos os países, uni-vos!**

### O movimento operário, estudantil e popular

1) Assim como a queda do Muro de Berlim golpeou o movimento independente do proletariado, confundindo e desorientando. 2) As redes sociais, com a internet ampliou a confusão e espalhou falsas facilidades, embelezando a realidade e maquiando toda a violência, centralismo, controle, dureza que as classes dominantes nos impõem. Nestas condições de alienação total, as exigências científicas que correspondam às forças reais de enfrentamento da opressão e da luta de classes, condicionadas pela luta teórica e das condições materiais e organizativa são desprezadas e mesmo negadas. 3) Aliado as estas falsas facilidades e como resultado da desorientação e confusão advinda da queda da URSS acrescenta-se a tendência anarquista que se apodera de grande parte da juventude e de lideranças de movimentos sociais confundindo-os á anarquia capitalista e sua barbárie em aprofundamento na forma de um entrelaçamento sem igual na historia das lutas de classes no planeta. Esta correlação de forças teóricas e organizativas momentânea coloca a burguesia com seu modo de produção decadente em uma superioridade ideológica, de controle e de poder espetacular.

Acirrada pela crise econômica quase que permanente, a luta de classes atual apresenta-se em dois fenômenos: **1)** um do acirrar dos conflitos inter-burgueses minimizados, até o momento, pelo poder quase que isolado dos EUA como potencia econômica e militar e nas tentativas de se exercer uma hegemonia colegiada entre forças imperialistas entrelaçados pelas associações das grandes corporações transnacionais que acabam condicionando um menor grau de importância às fronteiras nacionais. **2)** De outro o

movimento operário, estudantil e popular que se apresentam: **a)** forma da burocracia, com uma política prol burguesa, de conciliação de classes e parlamentar, de negação do marxismo e da independência de classes condiciona-nos a **b)** uma resistência instintiva e pequena burguesa com a **c)** presença de posições anárquicas; embriões de organizações marxista com tendências pequenas burguesas sem independência de classes e **d)** embriões em vários níveis de proletariado organizado como classe, com tudo, sem expressão na situação política.

O desenvolvimento e a união destes embriões da última variável em frações e tendências, movida pela democracia operária, o centralismo democrático, a força da teoria marxista combinada pela prática diária, coloca-se como condição para a superação da problemática da crise da direção proletária e da resolução da consigna de Socialismo ou barbárie. Esta construção há que se desenvolver na direção da formação política teórica no campo do marxismo (organização bolchevista) em torno da tática e estratégia da revolução e da ditadura do proletariado. A tática que corresponde a estratégia da ditadura do proletariado pressupõem a construção do movimento independente do proletário da burguesia e seus Estados. Esta construção entre as massas só poderá se dar com as organizações independentes de massa, rompendo com a burocracia, a passividade burguesa. A organização independente do proletariado só poderá ser realizada na formação de organizações soviética tendo como método a luta direta das massas e o internacionalismo proletário.

No caldeirão da luta de classes, com a luta direta das massas, no estudo permanente incorporando a teoria e teorizando a realidade a ser transformada, transformando a si próprio, rompendo com a divisão social do trabalho, na luta prioritária da construção de seções do partido mundial da revolução proletária se dará a construção que corresponda, concreta para a expropriação da burguesia, na construção dos governos operários e camponês nos países em que o campesinato pobre representa uma força econômica e dos governos operários nos países desenvolvidos. Estas condicionantes assumirá diretamente o fazer cumprir os objetivos históricos do proletariado mundial. Expropriando os expropriadores coletivizando os meios de produção no planejamento da produção e na repartição coletiva desta, os governos operários e os governos operários e camponeses terão a tarefa de caminhar diferenciando a ditadura do proletariado (Estado Operário ou socialismo científico), ou ainda sob a teoria da revolução permanente, na busca do fim da burguesia e seus capitalismo, em todo o globo, rumo ao fim das classes sociais e com isto, o fim do próprio Estado, constituindo a sociedade dos seres livres, o comunismo superior.

# Parlamento brasileiro, capitalismo e corrupção



A corrupção é uma prática inerente ao sistema atual (capitalista), prática esta deslavada aos olhos de quem o sustenta, resultando em sucateamento de empresas públicas, e que afeta não só setores econômicos mas, principalmente, setores de cunho social: saúde, educação, geração de emprego e renda, previdência social, direitos que, a princípio, deveriam ser intocáveis perante as normas constitucionais. Ou seja, afetando diretamente a grande massa trabalhadora.

Já na época do Brasil colônia, a política extrativista, praticada por nossa nobreza, vinha sugando a seiva, como um parasita em êxtase frenético. Hoje, a diferença está na forma de governo (Império/Republica), ou melhor, a mudança se deu na forma de governar, mas as ações desenfreadas continuaram as mesmas.

Como não se bebe sozinho de uma fonte, a

divisão de saques dos cofres públicos é indispensável, adoçando a boca dos coniventes, que se deixam corromper nas paixões pelos excessos, e se deleitam sobre a carcaça de uma nação empobrecida. Nesse texto, discutiremos, em especial, a corrupção no Brasil, sob o prisma da nomenclatura do chamado vulgo popular “Mensalão”.

## Origem do mensalão no Brasil

A Corte Imperial, como ocorre hoje na “Casa da Dinda”, digo, “Mãe Joana”, digo, no Itamarati, já corroía largos recursos públicos. Somente para o deleite gastronômico, a nobre Corte Real consumia 200.000 aves, 33.000 dúzias de ovos, entre outros deleites anuais, ao custo de novecentos contos de reis,

atualizando para o dinheiro atual R\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de reais).

Como não só de comida vive a realeza, contava ainda com os serviços básicos, de mais de 2.000 funcionários Reais aos quais se somavam mais 700 padres, 500 advogados, 200 praticantes de Medicina e 5.000 militares, afinal, segurança é indispensável. Para se ter uma ideia, um dos padres recebia fixo anual 250.000 reis equivalente hoje, a quatorze mil reais só para confessar a rainha.

Mas como a falta de dinheiro sempre atrapalha, com a realeza não foi diferente, que gastava mais do que extorquia, digo, arrecadava. Não demorou acumularem-se as dívidas; hoje seria o caso de improbidade administrativa, ou não, como nos mostrou o governo atual.

Mas enfim, frente à insuficiência de fundos (dureza real), foi-se buscar emprestar 600.000 libras esterlinas, em um “país amigo”, no caso, a Inglaterra. Sendo este, um pedaço de dois milhões de libras esterlinas que o Brasil herdaria de Portugal depois da Independência.

Em outubro de 1808, D. João VI, tomou outra providência igualmente insustentável no longo prazo, seria a criação de um banco estatal para emitir moeda. A breve e triste história do primeiro Banco do Brasil, criado pelo príncipe regente, sete meses depois de chegar ao Rio de Janeiro, é um exemplo do compadrio que se estabeleceu entre a monarquia e uma casta de privilegiados negociantes, fazendeiros e traficantes de escravos.

Através do recém-inaugurado Banco do Brasil, colocando a venda suas ações, como “Market de venda” instituiu-se a política de toma lá-dá-cá, uma versão imperial do “mensalão”, onde já se comprava apoio com recursos públicos.

Os novos acionistas eram “recompensados”, além das promessas de lucros muito superiores aos resultados gerados pelo Banco, os “investidores” eram agraciados com títulos de nobreza, comendas, além de se banquetearem das relações comerciais do País, ao serem nomeados para cargos de deputados da Real Junta do Comércio, onde aconteciam profundas sangrias dos recursos públicos. Agora com o apoio da elite (Fazendeiros, Traficantes de Escravos, etc...), o sonho se realiza, dispendo de um Banco, a Corte emitia moeda à vontade, tantas quantas desejassem.

Como todo segredo um dia será descoberto, a mágica funcionou durante dez anos quando resultou na ruína do Banco do Brasil em 1820.

Em 1821, D. João VI, ao retornar a Portugal, levou consigo todas as barras de ouro e diamantes que a

Coroa mantinha nos cofres do Banco, abalando definitivamente sua credibilidade. Falida e sem chance de recuperação, a instituição teve de ser liquidada em 1829, sete anos depois da Independência.

Em 1853, como nada se cria e tudo se copia em nosso País, o então Imperador D. Pedro II recriou o Banco do Brasil, repetindo-se momentos muito semelhantes aos de sua origem, ao financiar, **sem garantias**, políticos, usineiros e fazendeiros quebrados, como de fato, acontece em nossos dias atuais.

Em nossa simplicidade diríamos: “vai gerir mal assim lá no Inferno”, como ressaltou o historiador Oliveira Lima, citando os relatos do inglês Lucock, o qual narrou que se cobrava uma comissão de 17% sobre todos os pagamentos ou saques no tesouro público. Era forma de extorsão velada: se o interessado não comparecesse com os 17%, os processos simplesmente paravam de andar.

No Rio de Janeiro, a Corte portuguesa estava organizada em seis grandes setores administrativos chamados de repartições. A Mantearia Real era responsável por todos os assuntos relativos à mesa do rei e sua família, incluindo a lavagem e o fornecimento de talheres e guardanapos. Ao Guarda Roupas cabia zelar pelas vestimentas de D. João VI e de toda a família real. A repartição das Cavalariças cuidava dos animais de cavalgadas, de tração das carruagens e segues reais e também dos muarens usados em serviços de transportes de mercadorias. A Ucharia e as Cozinhas Reais se encarregavam da alimentação e da bebida. A Real Coutada administrava as florestas e bosques reais. Por fim, cabia a Mordomia Mor organizar e administrar tudo isso com o dinheiro fornecido pelo erário real e seu braço financeiro, o Banco do Brasil. (Livro 1808 de Laurentino Gomes em seu **Capítulo: Ataque ao Cofre**, pag. 169 a 175).

## Conclusão

As negociações políticas, os acordos partidários, a todo o momento são noticiados pelos meios de comunicação sob a roupagem de apoios do governo, mas, é notório que tais relações somente se travestem de exercício democrático-burguês. Pois, em sua essência não passa de um balcão de negócios de interesses privados que se consolidam através de extravios autorizados de recursos naturais, como petróleo, minérios, e todos os recursos de biodiversidades. Diversos grupos medem força, subjugam-se e apóiam-se mutuamente na pilhagem de contensão dos recursos sociais, como os cortes anunciados nas áreas Trabalhistas (seguro desemprego

e abono) e Previdência Social (auxílio doenças), além de merendas escolares superfaturadas e de baixa qualidade, medicamentos, precariedade das escolas, sucateamento do ensino público, restando às massas proletárias nada mais nada menos que as contas para pagar no final do mês.

Certamente esse assunto renderia vários livros. Em todas as épocas da história do Brasil, dos tempos da Colônia ao período imperial, da República velha, passando pelo Estado-Novo, pela Ditadura Militar (1964-1984) até os nossos dias, não há exceção. Por exemplo, é comum ouvir muita gente dizendo: “no tempo da ditadura é que era bom, pelo menos não havia corrupção!” Absoluto senso comum por parte de muita gente, principalmente moralistas de plantão, que não conhecem a história. Houve, sim, corrupção, durante o período da Ditadura. Basta lembrar da Transamazônica, que nunca foi concluída.

É difícil imaginar como seria o Parlamento brasileiro sem corrupção. Brasil afora, os financiamentos privados de campanha, os caixas-dois, para não falar dos mensalões que permearam todos os governos. O fato é que o Parlamento Câmara dos Deputados e Senado Federal significa basicamente uma coisa: conchavo. Enganação e corrupção são a regra do jogo.

A Justiça? Ah, essa é cega e corrupta. Lembremos das falcatuas, dos altos privilégios de juizes (que aumentam seus próprios salários). Quem não se lembra do escândalo do Tribunal Regional do Trabalho (TRT/SP) de São Paulo, encabeçado por **Nicolau dos Santos Neto**, o “Lalau”, que desviou cerca de 170 milhões de reais em meados dos anos 90.

No Parlamento, pouca gente escapa à corrupção. O governo do PT está imerso até a espinha dorsal, haja vista os escândalos da Petrobrás. Mas o PT não é o único. Não se trata aqui de defender o PT, mas não devemos vacilar perante a verdade: Há muito mais corruptos do que se imagina. Vejamos alguns dados (da história recente):

- 10-Máfia dos fiscais-----18 milhões-----PSDB paulista.
- 09-Mensalão -----55 milhões---( PT ).
- 08-Sanguesuga-----140 milhões-----PSDB.
- 07-Caso Sudan-----214 milhões-----PSDB.
- 06-Operação Navalha da carne--610 milhões-----DEM.
- 05-Anões do Orçamento-----800 milhões-----PMDB, PFL, PTB.
- 04-TRT de São Paulo-----923 milhões-----PMDB.

- 03-Banco Marka-----1,8 BILHÕES-----PSDB.
  - 02-Vampiros da saúde-----2,4 BILHÕES-----PSDB.
  - 01-Banestado-----42 BILHÕES-----PSDB.
- (os números indicam os rombos)

Na grande mídia burguesa (jornais, revistas, TV) pinta-se um quadro sombrio do PT, como se este fosse o partido mais corrupto da história deste País, mas uma simples pesquisa na internet, para não falar em alguns livros, dirá o contrário, que partidos como o PFL (atual DEM), o PSDB, o PMDB e tantos outros não ficam para trás. No mínimo, igualam-se ao Partidos dos Trabalhadores.

E veja o leitor que não mencionamos Paulo Maluf, político paulista e figura carimbada desde os tempos da Ditadura Militar como um corrupto e ladrão dos mais inescrupulosos. A lista de fraudes de Maluf é imensa, mas ele continua impune. Muitos outros também.

No próximo número de nosso Jornal, daremos mais detalhes sobre os escândalos de corrupção: do período dos militares, dos governos Fernando Henrique/ PSDB e Lula/PT.



# A Educação Pública é Violentada Passo a Passo



Nos primeiros anos da revolução industrial a escassez de mão de obra era tanta que até as crianças tinham que trabalhar horas e horas ininterruptas sem necessidade de nenhuma instrução/conhecimento, técnico ou científico. Não havia escolas para essas crianças.

Na Inglaterra, não havia limites para a exploração, a ponto de não ter sequer descanso semanal e tempo para as refeições; a situação era tal qual se expõe aqui: nas fábricas do Condado de Broughton, em janeiro de 1860, em reunião na periferia de Nottingham declarou-se que reinavam sofrimentos e privações em grau desconhecido no resto do mundo civilizado; às 2, 3 e 4 horas da manhã, as crianças de 9 e 10 anos são arrancadas das camas imundas e obrigadas a trabalhar até às 10, 11 ou 12 horas da noite, para ganhar o indispensável à mera subsistência. Com isso, seus membros definham, sua estrutura se atrofia, suas faces se tornam lívidas, seu ser mergulha num

torpor pétreo, horripilante de se contemplar (o capital, vol. I pag. 275).

Neste período, a educação para as crianças da classe operária não tinha sentido algum; vejamos o que diz um garoto de 10 anos: nem sempre tenho uma hora para o almoço; frequentemente só tenho meia hora, às quintas, sextas e sábados (idem, p. 277).

O que mais importava, tão-somente, era a exploração infantil e o aumento da produção em larga escala, em prol do lucro, usando o maior tempo possível de cada trabalhador, fossem crianças, adolescentes, mulheres de todas as idades ou adultos. Produção manual, técnica simples e sem muito conhecimento.

No capitalismo, a educação oferecida à classe trabalhadora e seus filhos é assim: limitada, proposital, ilusória, precária, pois a orientação imperialista, do grande capital financeiro, das grandes corporações, do agro negócio, do grande pecuarista, do grande latifundiário é a de que no período da pós-modernidade o

conhecimento acumulado pela humanidade, a história da luta de classe já não tem mais sentido.

A educação/conhecimento científico transmitida aos filhos da classe trabalhadora é passo a passo controlada pela classe que está no poder (classe dominante) e como parte intrínseca à divisão internacional do trabalho, em que, nos países desenvolvidos (imperialistas), a educação cumpre o papel de planejamento e produtores de tecnologia. Já para os países pobres (oprimidos), a educação tem a função de preparar executores do trabalho e, nesse sentido, o ensino compreende o ler e o escrever básicos e as técnicas rudimentares para apertar botões. Também poderíamos dizer que o que está colocado é a sustentação da sua hegemonia para que a exploração mundial da força humana de trabalho, seja ela assalariada, escrava ou semi-escrava, bem como a opressão de classe se perpetue. Com o advento de um grande contingente de mão de obra de reserva, devido ao mais alto grau evolutivo das tecnologias, a instrução pública retrocede aos mais baixos graus de precarização.

A contradição advinda da apropriação individual do trabalho coletivo, exteriorizada na propriedade dos meios de produção, faz com que a classe dominante modele a instrução técnica, a escola, os professores, os teóricos, os próprios estudantes, de modo a adequar o ensino oficial ao capitalismo em decadência. Com a divisão técnica e social do trabalho, a fragmentação do conhecimento tornou-se uma necessidade. O ensino foi dividido em duas partes, separadas propositalmente: a técnica, que continua em ascenso nas escolas técnicas públicas e privadas, de modo assegurar o aprimoramento dos meios técnicos, o aumento da própria produção e o consumismo; e a teórica, que, como presenciamos, dia após dia, precariza-se cada vez mais em todos os níveis de escolaridade, ou seja, com a evolução técnico-científica, o conhecimento acumulado pela humanidade e a própria história da humanidade tornam-se de pouca relevância para ser transmitido aos filhos da classe trabalhadora.

Para os governos dos patrões e do grande capital expõem-se o seguinte: não tem qualquer sentido o tempo para a educação, para o desenvolvimento intelectual, para preencher funções sociais, para o convívio social, para o livre exercício das forças físicas e espirituais para o descanso dominical, mesmo no país dos santificadores de domingo. Mas em seu impulso cego, desmedido, em sua voracidade por trabalho excedente, viola o capital os limites extremos, físicos e morais, da jornada de trabalho (idem, p. 300).

Por força da classe operária, das leis e do próprio curso do desenvolvimento das forças produtivas,

a burguesia e seus governos (de países oprimidos) viram-se obrigados a investir alguns trocados em educação pública. Nos países desenvolvidos, como Inglaterra, França e EUA há, sim, investimentos em educação, porque esses países acumularam riquezas, ao longo de décadas, de séculos, por meio da espoliação dos oprimidos do globo.

Porém, passados 20 séculos, as condições em que são impostas aos estudantes e aos trabalhadores da escola pública não são as melhores: escolas de lata, escolas que não são escolas (que se parecem com prisões e fábricas), totalmente inadequadas ao desenvolvimento humano, falta de condições materiais, de higiene etc.

Sem falarmos na educação dos países africanos, que praticamente não existe por uma série de fatores econômicos e sociais, no Brasil a situação de precarização em todos os sentidos vem se aprofundando. Para piorar ainda mais, os nossos professores, por causa do arrocho salarial e pela alta constante do custo de vida se vêem obrigados a trabalhar até 64 horas semanais (dois cargos, duas redes, dois cargos e uma rede privada ou até três redes). Nos protestos e manifestações, em 1886, em Chicago, EUA, os operários lutavam por uma jornada de trabalho de 8 horas diárias, e conseguiram o objetivo tão desejado, apesar de muito sangue derramado e de muitas mortes. Vivemos a época da contramão da história, em que a redução da jornada de trabalho com aumento de salário parece não ter sentido para o professorado.

As consequências são as mais variadas, mesmo o professor não estando submetido à produção de mais-valia, ainda assim tem muita semelhança com o que apresentamos aqui, pois está ligado com a venda da força de trabalho: a produção capitalista, que essencialmente é produção de mais-valia, absorção de trabalho excedente, ao prolongar o dia de trabalho, não causa apenas atrofia da força humana de trabalho; rouba suas condições normais, morais e físicas de atividade e de desenvolvimento. Ela ocasiona o esgotamento prematuro e a morte da própria força de trabalho. Aumenta o tempo de produção do trabalhador num período determinado, encurtando a duração da sua vida (idem, 301). Não é à toa que os professores, de tanto trabalhar, estão ficando doentes, pauperizando-se cada vez mais.

Para três professores da UnB, Joaquim J. S. Neto, Girlene R. de Jesus, Camila A. Karino e Dalton F. de Andrade (UFSC), a situação da escola pública brasileira se encontra como tal delinea-se aqui: Das 24 079 unidades de ensino da região Norte, 71% são de nível elementar, o mais precário; no Nordeste este índice

Está em 65%; no Sudeste, Sul e Centro-Oeste, o maior percentual de escolas localiza-se no nível básico; em todas regiões, colégios públicos considerados como de infraestrutura avançada, o percentual não ultrapassa 2%.

Escolas Federais: 62,5% podem ser consideradas adequadas e avançadas. Escolas Estaduais: 51,3% são de nível básico em infraestrutura. Escolas Municipais: 61,8% das escolas estão no nível elementar. Escolas Urbanas: 18,3% das unidades têm infraestrutura elementar. Escolas Rurais: 85,2% encontram-se no nível elementar.

\*Infraestrutura elementar: água, sanitário, energia, esgoto e cozinha.

\*Infraestrutura básica: sala de professores, biblioteca, laboratório de informática, sanitário infantil, quadra esportiva, parque infantil, copiadora e acesso a internet, além dos itens anteriores.

\*Infraestrutura avançada: além dos itens presentes nos níveis anteriores tem a presença de laboratório de ciências e dependências para atender estudantes com necessidades especiais.

Fontes: Censo Escolar de 2011 de 194 932 escolas, CAQi Custo Aluno Qualidade inicial.

De 2011 para cá, essa situação mudou? À luz dos fatos, as condições permanecem as mesmas e em muitos casos a piora é visível, o que demonstra total falta de interesse dos governos em aumentar os investimentos educacionais para a instrução pública no

ensino básico.

Condição básica de ensino e aprendizagem: a criança, quando chega à escola deveria ter à sua disposição equipamentos, conforto do ambiente para se concentrar para, aí sim, dedicar-se aos estudos e ao aprendizado; o professor também deveria ter ao seu dispor os melhores equipamentos a fim de desenvolver um bom trabalho.

A violência é brutal e aniquiladora: usurpa o tempo que deve pertencer ao crescimento, ao desenvolvimento e à saúde do corpo. Rouba-se o tempo necessário para se respirar ar puro e absorver a luz do sol (idem, p. 300). Rouba-se também a capacidade de desenvolvimento intelectual de toda uma classe, a classe dos trabalhadores.

A educação oficial segue e se ajusta à lógica do modo de produção capitalista, para conviver em constante harmonia com a barbárie no seio da sociedade. Os quatro pilares da educação mostram bem esse descabro burguês: aprender a viver juntos, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser. Se a burguesia não cessa os ataques contra a classe trabalhadora, esta por sua vez já mais pode cessar a luta contra governos e patrões. As lutas, as greves que têm ocorrido, dos professores da rede pública de SP e dos trabalhadores em geral pelo País afora são mais que justas.

Todo apoio às greves proletárias; todo repúdio aos governos burgueses; abaixo as burocracias! abaixo a violência capitalista!

# Greve dos professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo



Iniciada em 13 de março de 2015, hoje, 24/4 (com 43 dias de greve), o governo mostra-se irredutível, depois de duas reuniões com a APEOESP, mantendo a firme intenção de tentar desmoralizar os lutadores e jogá-los contra a comunidade escolar. A posição do governo de São Paulo se entrelaça (representa) com as posições e tendências colocadas em escala nacional de extrema direita, combinando tendências fascistas, de reivindicar a volta da ditadura militar e de *impeachment*. Na verdade, o governo tenta passar a idéia de que a greve é greve do PT.

Mas a realidade é bem outra. O Ensino Oficial do Estado de São Paulo tem sido precarizado há duas décadas. Introduziu cópia da progressão continuada (construtivismo biológico) de países desenvolvidos e as aplicou em um país oprimido como o Brasil, com classes com até 60 alunos, sem um plano regular de reforço paralelo às aulas normais. De fato, a tal da progressão continuada do construtivismo biológico se converteu na aprovação automática da barbarização da sala de aula. Os professores sofrem com os salários arrojados: **PEB-I Professores de Educação Básica I (1º ao 5º ano do ensino fundamental), ganham R\$10,43 por hora aula; e PEB-II, Professor de Educação Básica II (Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano e Ensino Médio, a**

**merreca de R\$12,08 por hora aula. Assim, para “resolver” a questão salarial, ou seja, a fim de aumentar os salários e manter o padrão de vida compatível com o nível de professor, a maioria dos professores se vê obrigado a aumentar a jornada, trabalhando em dois cargos e às vezes em dois cargos mais um emprego em escolas particulares, atingindo jornadas diárias de até 14 horas, semanal de até 70 horas. Um contra senso, uma vez que, em 1886 os trabalhadores de Chicago foram barbaramente reprimidos, presos e mortos lutando pela jornada de trabalho de 8 horas semanais, razão da comemoração no mundo todo de nosso 1º de maio.**

Com jornada estafante, com classes superlotadas, os professores têm adoecido, aumentando suas faltas ao trabalho e, como conseqüência, o nível das aulas e do ensino-aprendizagem que é precário, com o construtivismo biológico, decai a níveis gritantes.

Viva a luta dos professores por melhores salários, condições de trabalho e de melhoria no ensino/aprendizagem!

Viva a greve dos professores!

Abaixo o governo fascista de Alckmin.

## Polêmica com Radio Pião





O presente artigo tenta fundamentar, como resultado de uma primeira discussão em torno de possível atuação conjunta com a confecção do jornal proletário e o trabalho entre o proletariado, realizada em 29/03/2015, entre a Organização pelo POM e a Organização Radio Pião, tendo como base os dois artigos de V. I. Lênin, **Por Onde Começar?** (Iskra nº 4, maio de 1901) e **Que fazer?**, de Fevereiro de 1902. (este é um desenvolvimento do artigo Por Onde Começar?)

A discussão se realizou de forma democrática do ponto de vista do movimento operário, com intervenções livres das partes. Radio Pião inicia as intervenções expondo sobre os documentos *Por Onde Começar?* e *Que Fazer?* no tocante seu significado histórico, que a realidade Russa de 1901/1902 não se aplicava para à realidade brasileira e, portanto, os artigos não nos serviriam de guia. Que a Rússia do final do século XIX contava com várias organizações revolucionárias e que o jornal proposto pelo artigo *Por Onde Começar?* era o de possibilitar a unificação das mesmas. Que no Brasil não temos organizações revolucionárias, não tendo sentido a feitura de um jornal nacional. Com esta análise, Radio Pião propõe um trabalho conjunto entre as duas organizações em debate no sentido da construção de um jornal fabril local. Que o que está posto para o momento no Brasil é a construção das organizações operárias locais.

Da parte da Organização pelo POM foi realizado uma exposição sobre o artigo *Que fazer?*

Que logo após o artigo *Por Onde Começar?* houve, em Junho de 1901 a tentativa de unificação de todas as organizações social-democratas no estrangeiro e que nesta tentativa predominou as consignas de revisão do marxismo e a introdução como política revolucionária do economismo, ou seja, do movimento sindical simplesmente, na luta econômica contra patrões e governo. Lênin cita o jornal Rabótcheie Dielo, que em seu nº 10 apresentou uma mudança inesperada para as posições do economismo, o que ampliou a necessidade do artigo *Por Onde Começar?*, transformado-o em *Que fazer?*

O tema principal após a viragem para o economismo deveria abranger as três questões propostas no artigo *Por Onde Começar?*

- o caráter e o conteúdo essencial de nossa agitação política;
  - nossas tarefas de organização;
  - o plano para a construção de uma organização de combate para toda a Rússia, dirigido simultaneamente para os diversos fins.

Tendo em vista o giro economicista resolvi começar o

artigo *Que fazer?* por duas outras questões, dizia Lênin:

- por que uma palavra de ordem tão "inofensiva" e "natural" como "liberdade de crítica" constitui para nós um verdadeiro grito de guerra?
  - por que não podemos chegar a um acordo nem sequer sobre a questão fundamental do papel da social democracia, em relação ao movimento espontâneo das massas?

Além disso, fundamenta Lênin:

- além disso minha exposição do artigo visa explicar a diferença entre a política sindical e a política social democrata e dos métodos artesanais de trabalho, que satisfazem os economistas, e a organização dos revolucionários;
- Em seguida insisto no plano de um jornal político para toda a Rússia
- na última parte tratarei sobre os esforços para evitar a ruptura que entretanto tornou inevitável.

a) Que significa a "liberdade de crítica"?

A Social democracia dividiu-se em duas grades correntes.

- 1) Em que consiste a "nova" tendência que "crítica" o "velho" marxismo "dogmático", disse **Bernstein, e demonstrou Millerand com suficiente clareza:**

**A Social democracia deve transformar-se de partido da revolução social em partido democrático de reformas sociais.**

E assim Bernstein nega:

- 1) a cientificidade do Socialismo;
- 2) nega o materialismo histórico e sua inevitabilidade;
- 3) nega a miséria crescente, a proletarização e o agravamento das contradições do capitalismo;
- 4) rejeita categoricamente a consigna de Ditadura do Proletariado;
- 5) nega a oposição de princípios entre o liberalismo e o socialismo;
- 6) nega a teoria da luta de classes, considerando inaplicável a sociedade estritamente democrática.

A liberdade de crítica significa:

- a liberdade da tendência oportunista de transformar esta em um partido democrático de reformas;

- a liberdade de implantar no socialismo as idéias burguesas e os elementos burgueses.

b) Os novos defensores da "Liberdade de crítica"

*Rabótcheie Dielo* (n.º 10), órgão da "União dos Sociais-Democratas Russos" no estrangeiro, formulou solenemente nesses últimos tempos, não como postulado teórico mas **como reivindicação política**, como resposta à questão:

"É possível a união das organizações sociais-democratas funcionando no estrangeiro?"

- "Para uma união sólida, a liberdade de crítica é indispensável, assim retrucou *Rabótcheie Dielo*".

Se o artigo *Por Onde Começar?* introduzia a necessidade do jornal proletário no sentido de ser um fio condutor e centralizador das organizações sociais-democráticas, o artigo *Que Fazer?* ampliou o debate e as necessidades, ou melhor, manteve as necessidades anteriormente colocadas e ampliou-as no combate às tendências revisionistas do marxismo, ao economismo e a luta teórica, afirmando que **sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário**.

**"Exigir que se confira à própria luta econômica um caráter político é uma atitude que traduz da forma mais surpreendente o culto da espontaneidade no domínio da atividade política"**.

**"*Rabótcheie Dielo* acusa o Iskra de dogmatismo, de não atuar concretamente no seio dos operários"**.

A seguir, para mostrar a grandeza do debate e a atualidade da polémica de *Que fazer?*, mesclamos alguns trechos da polémica de Lênin com os economistas sobre "Os métodos artesanais dos "economistas" e a organização dos revolucionários" com nossas posições calcadas em tais citações.

- As afirmações do *Rabótcheie Dielo*, já examinadas anteriormente, declarando que a luta econômica é o meio mais amplamente aplicável de agitação política, que nossa tarefa consiste, hoje, em conferir à própria luta econômica um caráter político etc., refletem uma concepção estreita de nossas tarefas, não somente em matéria política, mas ainda em matéria de organização.

- Para conduzir "a luta econômica contra os

patrões e o governo", não é necessária uma organização centralizada para toda a Rússia (e ela não poderia se constituir no curso de tal luta), organização que agruparia em um único ataque comum todas as manifestações, quaisquer que fossem, de oposição política, de protesto e de indignação, organização de revolucionários profissionais, dirigida pelos verdadeiros chefes políticos de todo o povo.

- **poder-se-ia dizer - até a nós, dirigentes e organizadores do movimento, o que é preciso é sobretudo a luta mais intransigente contra a menor tentativa de defender nosso atraso, de legitimar a estreiteza nessa matéria: é preciso sobretudo despertar entre todos aqueles que participam, ou apenas se dispõem a participar do trabalho prático, o descontentamento em relação ao trabalho artesanal, que reina entre nós, e a firme vontade de nos desembaraçarmos dele.**

- Por que estamos pouco preparados? Mas nós nos preparamos, continuaremos a nos preparar e estaremos preparados! É verdade que à superfície dessa água estagnada, que é a **"luta econômica contra os patrões e o governo"**, infelizmente formou-se o limo; apareceram pessoas que se ajoelharam para adorar a espontaneidade, contemplando religiosamente (segundo a expressão de Plekhânov) o "traseiro" do proletariado russo.

- É ridículo falar de "organização de combate" para lutar em favor das "reivindicações políticas imediatas", ou para "a luta econômica contra os patrões e o governo".

Na defesa do jornal local de Radio Pião (folhas volantes fabris), os camaradas referem-se a uma tal organização "ESTANQUE" como forma de resolver a problemática do trabalho legal e ilegal. Nos parece uma novidade que só pode vislumbrar das ideias por elas mesmas. Uma organização calcada em folhas volantes, que só pode ser no trabalho artesanal ela própria se tora estanque.

**"A massa que não "luta de modo algum contra a polícia política" não se incumbe, ela própria, dessa "tarefa"? Mais ainda, essa tarefa seria executável se, com exceção de raros dirigentes, os operários (em sua grande maioria), que não são de forma**



alguma capazes de "lutar contra a polícia política", também não se encarregassem dela? Esses operários, os elementos médios da massa, são capazes de demonstrar uma energia e uma abnegação prodigiosas em uma greve, em um combate de rua com a polícia e as tropas policiais; são capazes (e são os únicos capazes) de decidir o resultado de todo o nosso movimento; porém, justamente a luta contra a polícia política exige qualidades especiais, exige revolucionários profissionais. E devemos estar vigilantes para que a massa operária não apenas "apresente" reivindicações concretas, mas ainda "apresente" um número cada vez maior desses revolucionários profissionais".

- "Chegamos, assim, à questão da relação entre a organização dos revolucionários profissionais e o movimento puramente operário. Essa questão, pouco desenvolvida na literatura, já ocupou bastante a nós, "políticos", em nossas conversas e discussões com os camaradas que, de uma maneira ou de outra, tendem para o "economismo". Vale a pena que nos detenhamos nessa questão. Mas, antes, terminemos com outra citação, a ilustração de nossa tese sobre a ligação dos métodos

artesanais com o "economismo".

- **A relação sindicato partido - o trabalho legal e ilegal**

- Sindicatos como organizações amplas (a repressão política)
- O Partido como de revolucionários profissionais (o preparo para enfrentar e repressão política).
- A luta espontânea do proletariado não se transformará em uma verdadeira luta de classe" do proletariado enquanto não for dirigida por uma forte organização de revolucionários.

Rádio Pião, com sua tendência ao economismo, em matéria de intervenção e organização, não pode perceber o papel de um jornal proletário de caráter nacional e muito menos internacional, um jornal comunista (como base material de construção de quadros comunistas e de elevar as massas e a vanguarda para posições comunistas).

**"Para as revelações do que ocorre nas fábricas sempre tivemos e sempre deveremos ter as folhas volantes, mas quanto ao tipo do nosso jornal, devemos elevá-lo e não rebaixá-lo ao nível de uma folha volante de fábrica. Quando se trata de um "jornal", é preciso revelar não tanto os "pequenos fatos" como os defeitos**

essenciais, particulares à vida da fábrica, revelações à base de exemplos relevantes e, por conseguinte, suscetíveis de interessar a todos os operários e dirigentes do movimento, enriquecendo verdadeiramente seus conhecimentos, alargando seu horizonte, despertando uma nova região, uma nova categoria profissional de operários".

Não percebendo as posições de Lênin na obra *Que Fazer?*, em especial sobre a necessidade da construção de um jornal proletário que seja capaz de ser um organizador coletivo, um formador teórico, um agitador e um conspirador capaz de se contrapor às superestruturas burguesas e se constituir em uma superestrutura proletária para, desta forma, tornar possível a luta de classe contra classe; um jornal como dirigente do processo revolucionário. Rádio Pião (com todo o respeito e toda a fraternidade necessária de nossa parte) acaba caindo nas tendências do economismo e se conforma com uma organização idealista.

A concretude dos jornais locais em prol da construção de organizações locais, como quer Rádio Pião, o próprio artigo *Que Fazer?* responde com maestria, senão vejamos:

- Mas, isto será feito de modo muito mais rápido através da reunião e organização em torno de um trabalho mais concreto! Isto pode e deve consistir na criação de jornais locais em grande escala, na preparação imediata das forças operárias para manifestações: as organizações locais efetuarão uma ação constante entre os sem-trabalho (difundir sem cessar, entre eles, folhas volantes e panfletos; convocar os sem-trabalho para reuniões, exortá-los à resistência ao governo etc.) É preciso empreender localmente um trabalho político vivo; e quando surgir a necessidade da união nesse terreno real, não será artificial e não permanecerá no papel.

Grifamos nessa passagem eloqüente, os trechos que permitem melhor apreender a falsa idéia que o autor faz de nosso plano e, em geral, a falsidade do ponto de vista que ele opõe ao *Iskra*. Sem organizações políticas locais, fortes, e bem treinadas, de nada serviria à Rússia o melhor jornal que se pudesse fazer. Isto é absolutamente correto. Infelizmente, para educar pessoas para formar organizações políticas fortes não há outro meio senão um jornal para toda a Rússia.

O autor não notou a declaração essencial do *Iskra*: a que precede a exposição de seu "plano"; é

preciso "apelar para a construção de uma organização revolucionária capaz de reunir todas as forças e que seja, não apenas nominalmente, mas também, de fato, como dirigente do movimento, isto é, uma organização sempre pronta a apoiar cada protesto e cada explosão, aproveitando-os para aumentar e fortalecer um exército apto para se dedicar ao combate decisivo".

"Por favor, digam-me: quando, os pedreiros colocam em diferentes pontos as pedras de um enorme edifício, de linhas absolutamente originais, esticam um fio que os ajuda a encontrar o lugar justo para as pedras, que lhes indica o objetivo final de todo o trabalho, que lhes permite colocar não apenas cada pedra, mas até cada pedaço de pedra que, cimentado ao que o precedeu e ao que o sucede, formará a linha definitiva e total. Será isto um trabalho "de escrita"?"

"Se tivéssemos uma equipe de pedreiros experientes, suficientemente solidários para poder colocar as pedras onde é preciso (falando de forma, a abstrata, isto não é impossível de todo), mesmo sem um cordão de alinhamento, poderíamos, talvez, agarrar-nos a um outro elo. Entretanto, infelizmente ainda não temos esses pedreiros experientes e solidários; e, com muita freqüência, as pedras são colocadas sem alinhamento, ao acaso, a tal ponto deslocadas que basta ao inimigo um sopro para dispersá-las, não como se fossem pedras, mas sim, grãos de areia".

- Outra comparação: "O jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo; é também um organizador coletivo. A esse respeito, pode-se compará-lo aos andaimes que se levantam ao redor de um edifício em construção; constitui o esboço dos contornos do edifício, facilita as comunicações entre os diferentes construtores, permitindo-lhes que repartam a tarefa e atinjam o conjunto dos resultados obtidos pelo trabalho organizado[5]. Pode-se realmente dizer que, da parte de um literato, de um homem especializado no trabalho de gabinete, haveria um exagero de seu papel? Os andaimes não são de modo algum necessários à construção em si; são feitos com material da pior qualidade: são utilizados durante um curto período de tempo e atirados ao fogo antes de estar a obra terminada. No que diz respeito à construção de organizações revolucionárias, a experiência confirma que, por vezes, é possível construí-las mesmo sem andaimes - como em 1870-1880. Mas, nesse momento, não podemos sequer imaginar a possibilidade de construir sem andaimes o edifício de que necessitamos.

Seguindo o raciocínio e o exemplo de Lênin - ainda sobre os pedreiros e a construção civil, questionamos o idealismo de Rádio Pião.

Comparamos a base material da sociedade como se fosse a estrutura de uma casa simples, um casebre que não necessita de uma superestrutura para sustentar o peso. Consideramos os blocos ou os tijolos simples como sendo a estrutura, ou seja, a própria classe operária em si mesma (classe em si) ou a organização de artesãos. Já as vigas de concreto armado seriam a superestrutura capaz de sustentar várias lajes e andares, representando a fusão da teoria e a prática na organização de revolucionários profissionais. Qual a importância da construção destas vigas de concreto armado entre os oprimidos? A burguesia possui tais vigas? As vigas que a burguesia constrói e possui são amplas e conta com a estrutura do próprio Estado, com os impostos vindos dos oprimidos: os parlamentos em seus diversos níveis, a própria polícia e o exército, as igrejas e os partidos políticos burgueses e pequeno-burgueses etc. Os oprimidos só comparecem como estrutura, como bloco ou tijolos simples. Por acaso, podemos quebrar uma viga de concreto armado usando tijolos ou blocos?

Caros camaradas da Rádio Pião: quando Lênin escreveu o artigo *Por Onde Começar?* e, posteriormente, o artigo *Que fazer?*, ele estava traçando o fio do prumo para edificar poderosas vigas de concreto armado, capaz de concorrer e quebrar as vigas da superestrutura burguesa, possibilitando a expropriação dos expropriadores, possibilitando a coletivização dos meios de produção. Para Lênin, as vigas de concreto

entre os oprimidos, como descritas em 1901/1902, estão totalmente vigentes, observando as particularidades de nossa nação e as particularidades do momento político e da tecnologia presente no globo.

A construção de um jornal internacionalista para toda a Rússia se colocava como ferramenta da construção de uma poderosa organização de revolucionários profissionais, colocava-se como fio condutor da construção do Partido Revolucionário. Uma pena que Rádio Pião, por desconhecimento ou por consciência estranha ao proletariado, está negando a construção deste fio condutor e desta organização de revolucionários no Brasil. A necessidade destas ferramentas no território nacional, como seção nacional de uma estrutura que se configura mundialmente, não só está totalmente atual, mas, também, infelizmente em débito com a luta pelo oprimidos e sua negação equivale ao grito de *viva a barbárie burguesa! e morte aos oprimidos!*

Nós, da Organização pelo POM, conclamamos aos camaradas de Rádio Pião a cerrar fileiras no estudo e na construção destes esteios revolucionários e que, como complemento desta superestrutura marxista que nos colocamos a construir, tenhamos também as folhas volantes de encaminhamentos e agitação de casos particulares ou mesmo de abertura de caminhos como ferramentas que compareçam como instrumentos da luta transitória (sindical, econômica) como ponte (escola de comunismo) em direção ao socialismo científico (ditadura do proletariado), rumo a revolução mundial e ao comunismo.



# Aprendizagem da relação campo e cidade entre os oprimidos



O Coletivo de Consumo Rural Urbano (CCRU) iniciou suas práticas como sua própria sigla mostra, “CRU”. O Coletivo, por instinto, se aproximou da Associação Oeste de Diadema com objetivo de popularizar o acesso à alimentação de qualidade, sendo que após o amadurecimento da relação entre o CCRU e os militantes da Associação, a proposta “CRUA” e instintiva está amadurecendo.

Atualmente, o CCRU tem como proposta a aproximação dos camponeses organizados no campo com os proletários organizados da cidade, tomando o cuidado para que, nesse meio, não tenhamos nenhum tipo de organização de conciliação de classe, reformista, oportunista e burguesa, que intermediam ou atravessam as relações práticas e teóricas desenvolvidas pelos trabalhadores.

Devido à classe trabalhadora ainda estar representada por direções sindicais pelegas e burocráticas, a alternativa encontrada para a

organização do trabalhador e para a relação campo/cidade é a aproximação por meio de organizações embrionárias independentes, que trazem como objetivo organizar os proletários para outras frentes, como moradia, educação e saúde.

A primeira ação para concretizar essa aproximação independente do campo/cidade é a relação econômica de escoamentos dos alimentos produzidos pelo camponês diretamente ao proletário, ou seja, organizaremos grupo de produtores no campo que abastecerão os proletários da cidade com valor real da mercadoria, somando o custo de produção, logística, armazenamento e distribuição, alimentos de qualidade, produzido com técnicas agroecológicas. Essa ação libertará os trabalhadores do campo das técnicas exploradoras capitalistas do agronegócio, caso dos agrotóxicos e os alimentos geneticamente modificados (transgênicos), que acabam com o meio ambiente, com a saúde e o bem estar do ser humano, tanto do campo

(que produz) como da cidade (que se alimenta), objetivando apenas o lucro de corporações, supermercados e uma pequena parcela da sociedade.

O CCRU já realiza essa ação há um ano e percebemos nesse período a barbárie da relação capitalista de produção e consumo de alimentos realizada em nosso Estado (como em todo mundo). Segundo a Embrapa (**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**), 1/3 dos alimentos produzidos no Brasil são desperdiçados, mas na realidade não há dados confiáveis para essa pesquisa, pois os pesquisadores vão apenas ao varejo ou à feira e perguntam para o feirante quanto ele perdeu e desperdiçou, que, após várias respostas, chegam a uma média, no entanto, essa média é referente apenas a um processo da relação produção e consumo de alimentos, quando temos certeza que o desperdício é muito maior.

Existe um fenômeno chamado padrão de consumo de alimentos, no qual o consumidor valoriza a estética do alimento, devido a produções com transgênico que padroniza e “embeleza” os alimentos mudando sua genética, ou por outras palavras, se os alimentos estão tortos, pequenos, manchados, fora do “padrão”, os consumidores não compram e essa ação e reação faz com que os alimentos na produção já sejam desperdiçados, pois não são aceitos pelos atravessadores.

Após a etapa do desperdício na produção, existe a etapa do frete (locomção do alimento aos locais de venda), onde também há desperdício. Chegando ao local de venda, como por exemplo, CEASA ou feira, também existe um grande desperdício, e por fim, o varejo no qual foi feita a pesquisa.

Assim, em toda essa relação de produção e consumo, é muito provável que o desperdício chegue a mais de 50% da produção de alimentos, isso sem contar o desperdício domiciliar.

O desperdício é contraditório, porém inerente ao

sistema capitalista, no entanto, com o movimento de compra coletiva direto do produtor, a qual realizamos, o desperdício é 0, pois a produção será planejada, combinada e escoada entre camponês e proletário, tirando da ação todos esses atravessadores citados.

A única alternativa para emancipação da classe trabalhadora é organização política via luta de classes, que refletirá a organização econômica. Quebrar o capitalismo no seu seio, desfragmentar a produção, criar uma cultura de relação direta do camponês e proletário, pois hoje se nós perguntarmos para uma criança de onde vêm os alimentos, é muito provável que ela diga que vem do mercado ou da embalagem, mas não da terra.

Para assumirmos essa responsabilidade como linha de frente, não podemos pensar apenas no consumidor, ou seja, buscar alimentos de qualquer forma de produção em Ceagesp e Craisa para abaixar os preço e competir com o mercado vizinho, mas sim ir para além da relação capitalista facilitando a relação dos produtores do campo com os trabalhadores da cidade e vice e versa.

Por isso, nosso objetivo é trazer alimentos de qualidade (sem agrotóxicos nem geneticamente modificados) ao trabalhador da cidade, mas também que respeite e valorize o produtor e as múltiplas características culturais, que promova o planejamento da produção no campo e escoamento para os trabalhadores na cidade.

Obs: Em todas edições de O Proletário, publicaremos textos do movimento Campo / Cidade, e conforme nossa ação for avançando, iremos mesclar teoria e prática em artigos que possam ajudar a esclarecer o movimento, formação dos leitores e consequentemente na formação da vanguarda. Acompanhem as edições e saiba a verdade da realidade política e econômica Mundial e as produções proletárias!



# 1º de maio: Dia Internacional de luta dos trabalhadores!

Esta data se deu em vista da sangrenta repressão à manifestação exigindo a redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias realizada em 1º de maio de 1886, em que 500 mil trabalhadores e trabalhadoras foram às ruas de Chicago, nos Estados Unidos. A polícia reprimiu a manifestação, dispersando a concentração, depois de ferir e matar dezenas de operários.

No dia 5 de maio de 1886, os operários americanos voltaram novamente às ruas e foram novamente reprimidos. Desta vez, 8 líderes foram presos e 'julgados', sendo 5 deles condenados à forca e 3 à prisão perpétua. Dos 5 condenados à forca, 4 foram executados no dia 11 de novembro de 1887 e um assassinado na prisão, na véspera da execução.

Em 1889, o Congresso Operário internacional, reunido em Paris, decretou o 1º de maio, como o Dia internacional dos Trabalhadores, um dia para que os trabalhadores do mundo todo lembrem dos bravos combatentes que dedicaram suas vidas à luta, para que o futuro da classe operária fosse transformado e a redução da jornada conquistada.

Hoje em dia, a burguesia (patrões, governos e burocratas sindicais) transformaram o 1º de maio simplesmente em dia de festas, com *shows* e distribuição de prêmios. Os trabalhadores necessitam organizar-se e voltar aos movimentos independentes, pois, com a crise capitalista sem soluções duradoras, a burguesia, ora em aliança com setores burocráticos do movimento operário e popular, ora organiza o desespero pequeno-burguês colocando a alternativa militar e do próprio fascismo,

combinando as alternativas tem mantido uma permanente ofensiva para a retirada de direitos bravamente conquistados com muita luta e sangue dos trabalhadores.

Neste primeiro de maio, queremos saudar todos os setores que fizeram ou estão em greve enfrentando esse estado de opressão. Saudamos os professores que saem às ruas, defendendo uma educação de qualidade, combatendo a barbárie que se instalou nas salas de aula e que violenta os professores e os próprios alunos, pois grande parte conclui o Ensino Médio "sem saber ler e escrever".

Enalteçemos o professorado que está enfrentando as mentiras do governo, que afirma estar aumentando o salário dos professores e que não há greve quando na verdade decretou reajuste zero para 2015 e segura os alunos dentro das escolas mesmo sem professores. Na verdade, as conquistas com sangue dos lutadores do 1º de maio de 1886 não chegaram aos professores que para aumentar o salário trabalham até 70 horas semanais, ou seja, 14 horas-diárias, um crime contra o professor, contra o aluno e o próprio ensino público de qualidade. A constituição Federal estabelece até 64 horas aulas no ensino público, autorizando ainda a possibilidade de um emprego particular concomitante colocando em risco a vida do trabalhador.

Queremos dar um viva aos movimentos de moradia, que continuamente têm se dedicado com muitas reuniões e sacrifício na luta para sair do aluguel e na conquista da moradia. Enfim, queremos congratular a todos os lutadores.

**Para realizarmos um 1º de maio que represente os interesses históricos dos trabalhadores (proletariado mundial), estamos convidando todos a comparecerem na Praça Ramos, Centro de São Paulo, nas escadarias do Teatro Municipal às 14:00 horas.**

- Por emprego para todos!
- Por um salário mínimo real que atenda todas as necessidades básicas da família trabalhadora, hoje por volta de R\$ 4.000,00!
- Redução da Jornada de trabalho, sem redução dos salários!
- Por moradia digna para todos!
- Pela Educação Pública, laica e de qualidade!
- Abaixo a precarização da Educação e da violência contra

- professores e alunos;
- Viva a luta dos trabalhadores de todo o mundo!
- Abaixo a burocracia sindical;
- Abaixo o Projeto Lei 4330 - proibir a terceirização atual!
- Por aposentadorias dignas aos trabalhadores!
- Defendamos os direitos históricos dos trabalhadores!
- Trabalhemos pela morte do capitalismo e sua barbárie!
- Viva o socialismo científico, a luta e a organização independente do proletariado do mundo todo!

**Proletários de todos os países, uni-vos!**

**Assinam:** Associação Oeste de Diadema, Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Federais do ABC (SinTUFABC), Coletivo de Consumo Rural Urbano (CCRU), POM (Organização por um Partido Operário Marxista) e lutadores independentes.

**Caixa postal nº 140 – CEP 09910 970, Diadema – São Paulo ou pelo email: [proletarios@proletariosmarxistas.com](mailto:proletarios@proletariosmarxistas.com) /Site: [www.proletariosmarxistas.com](http://www.proletariosmarxistas.com)**